



## 9. Valor histórico e documental das Cantigas

Para além dos temas que dão continuidade aos cancioneiros medievais – amor e sátira (CA, CV e CBN) e religião (CSM) – o cancioneiro popular português oferece uma grande variedade de outros temas, englobando toda a vida rural: cantigas da natureza, do trabalho, da vida quotidiana... um mundo de temas e sentimentos.

Alves Redol resume assim define bem o interesse histórico, ou referencial das cantigas tradicionais: *a vida do Povo cantada pelo Povo*; e um grande estudioso brasileiro, Câmara Cascudo: *o folclore inclui nos objectos e fórmulas uma quarta dimensão sensível ao seu ambiente*. E defende essas referências como *merecedoras de inquérito e sistemática*, pois delas *se tiram conclusões sobre o modo de vida e psicologia das populações*.

Isto é: as cantigas populares referenciam ou documentam hábitos e costumes que se mantêm de geração em geração.

Esta capacidade ultrapassa o âmbito da Música, da Poesia ou Literatura e da própria História, para abranger a Etnografia e Ciências Humanas afins, subsidiárias da Antropologia: o estudo do Ser Humano, a sua origem, a capacidade de se conhecer, nos costumes e no instinto.

O pilar central da Antropologia é o conceito de cultura e sociedade, em que a nossa espécie tem desenvolvido simbolicamente uma capacidade universal para compreender o Mundo, para ensinar e aprender tais símbolos socialmente e para o transformar.

Não têm sido realizados muitos estudos significativos e sérios sobre as potencialidades pluridisciplinares contidas no Património Imaterial do Douro (e, até, do nosso País, um dos mais antigos e culturalmente coesos de toda a Europa). Quando tal se fizer, verificar-se-ão descobertas magníficas – que a ambição, o espírito e o âmbito desta obra não comportam, mas não podem deixar de indiciar, e com carácter de urgência.

Para o entendimento do Homem do Douro e a sistematização histórico-social, etnográfica e antropológica desta Região heróica e pioneira, há necessidade de empenhar as Instituições para tal vocacionadas, tantas vezes tentadas a sobrevalorizar a promoção da materialidade do Vinho em detrimento dos Valores imateriais do seu vocacionamento.

Ora, os valores, imateriais de maiores potencialidades, estão contidos nas marcas denotativas, históricas, geográficas, conotativas, animistas e simbólicas dos poemas do nosso riquíssimo Cancioneiro.

### 2.01 Transmissão oral

Nas cantigas do Alto Douro a referencialidade adquire uma amplitude diacrónica enorme, pois se estende, não só às fontes literárias galego-portuguesas e às mais íntimas raízes da Nacionalidade (século XII), mas ainda a memórias muito mais vetustas, na



linha de formação da própria Europa pós-romana – nomeadamente do tempo de Carlos Magno (742-814) e dos Doze Pares de França (séc. VIII).

Alguns pormenores do imaginário dessa presença de treze séculos de informação e tradição transmitiram-se oralmente, pois a comunicação escrita é recente: terá sido em 1455 o ano de publicação do primeiro livro: a "Bíblia de quarenta e duas linhas", de Gutenberg. Depois disso, teve de ser percorrido um longuíssimo caminho até se chegar à comunicação de massas, primeiro escrita e depois áudio-visual.

A transmissão oral é, até à massificação, o veículo da experiência, do saber e do sentir da humanidade. Existia um grande respeito por essa herança de milénios que se acumulara nas arcas de todos os países e civilizações.

Devido a esse respeito pelo passado e pela história, a tradição oral pode mesmo ser mais fiável e consistente do que a escrita, apesar de estar presente o risco de alguma distorção, um pouco como acontece nas traduções. Isso acontece principalmente quanto há diferenças temporais e culturais significativas entre o emissor original da mensagem e o seu receptor longínquo e remoto.

Mas, por outro lado, é vivo ou interactivo o vínculo cultural entre o emissor e o receptor: no circuito comunicativo estabelecem-se laços de retorno e aperfeiçoamento.

Como exemplo podem ser citadas as tradições relativas à culinária, aos remédios e, mesmo, aos provérbios: sabores, poder curativo ou pormenores de sabedoria eram sempre objecto de aperfeiçoamento. E, quanto aos contos...“quem conta e reconta, amumenta sempre um ponto”.

As ideias e práticas, dinamizadas entre os pólos desse circuito comunicativo, aperfeiçoavam-se e ganhavam a marca da permanência: sobreviviam as melhores, como se fossem constantemente submetidas a leis de um darwinismo de progressão.

– Ao lermos os nossos **rimances**, por exemplo, verificamos que neles tudo é depojado dos pormenores estáticos morfossintácticos: os adjectivos e os advérbios. Toda a narrativa se depurou e concentrou no essencial diegético, veiculado pelos substantivos e pelos verbos, a que de deve a dinâmica da narrativa ou a marcialidade da épica.

As rimas e o ritmo ajudavam à fixação e à permanência; por isso é de lei universal a antiguidade da poesia sobre a prosa.

Para além da narrativa popular, há outros textos que se incluem na literatura de transmissão oral:

– A **lenda**: relato de acontecimentos reais ou fictícios do passado, integrando o património cultural do povo

– O **provérbio**: máxima ou sentença de carácter prático e popular; breve e sugestivo.

– A **fábula**: narrativa alegórica e inverosímil, em prosa ou verso, cujos personagens são geralmente animais com características humanas, mantêm um diálogo, cujo desenlace reflecte pedagogicamente uma lição de moral.

– Quando os personagens são seres inanimados, objectos, a fábula recebe o nome de **apólogo**. A temática é variada e contempla tópicos como a vitória da fraqueza sobre



a força, da bondade sobre a astúcia e a derrota de presunçosos.

Todos estes géneros orais transitavam de pais para filhos, através das gerações: era uma entrega em ‘mão’ da sabedoria familiar assimilada ou valores espirituais herdados através de muitas gerações anteriores, como se se tratasse da alma cultural familiar (latim: *traditio*, *tradere*=entregar; grego: *paradosis*).

A ‘entrega’ é feita sob a forma de uma recordação, memória, costume, prática e hábitos, com base em dois pressupostos antropológicos:

- as pessoas são mortais;
- há necessidade de haver umnexo ou herança, não só genética mas também espiritual, entre as gerações, através da passagem do testemunho vivo.

No campo religioso é onde mais se aplica este conceito, pois a tradição toma feições mais peculiares em cada crença. Pode-se destacar a presença da tradição nos grandes grupos religiosos: Judaísmo, Cristianismo, Islamismo, Budismo, Hinduísmo...

Exemplo de transmissão oral é o relato de um episódio que está no cerne da formação de Portugal como reino:

### **Egas Moniz, o Aio**

Conta a lenda que, por altura do cerco a Guimarães, Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques, decidiu negociar a paz com o monarca castelhano Afonso VII. A troco da paz prometeu-lhe a vassalagem de D. Afonso Henriques e dos nobres que o apoiavam. Afonso VII aceitou a palavra de Egas Moniz.

Um ano depois, D. Afonso Henriques quebrou o prometido e resolveu invadir a Galiza. Vestidos de condenados, Egas Moniz e a sua família apresentaram-se na côrte de D. Afonso VII, em Castela, pondo nas mãos do rei as suas vidas como penhor da promessa quebrada. O rei castelhano, diante da coragem e humildade de Egas Moniz, decidiu perdoar-lhe. Ao entregar-se, Egas Moniz ressalvava a sua honra e também a de Afonso Henriques, assegurando através da sua astúcia a futura independência de Portugal. (Fonte: Infopédia)

## **2.02 Referências a espaços físicos**

Apesar do lirismo ser uma forma poética centrada na interioridade do emissor, não deixa de possibilitar em maior ou menor grau, uma referência de carácter espacial ou temporal. Por exemplo, as cantigas populares de Amigo, algumas já citadas anteriormente, apresentam várias referências espaciais ao mundo rural em que inserem.

O Porto é um pólo de atracção enorme, praticamente desde os tempos imemoriais da divisão da Galiza em duas por D. Afonso VI para dar às duas filhas, sob a forma de Condado.

Depois, os frades de Cister, estabelecidos no Vale do Varosa, cedo estabeleceram aí estratégias de mercado para os vinhos: os *vinhos de Lamego* eram transportados pelo rio, nos rabelos e exportados pela barra do Porto – que se transformou num prolongamento do Alto Douro.

– *o Porto:*

*Se fores ao Porto  
bai à cidade  
leba a bandeira  
da liberdade!*



# GRANDE CANCIONEIRO DO ALTO DOURO

---

*A silba prende, a rosa cheira,  
ai, ai, ai, biardinha ao norte  
meu amor leba a bandeira!*

*Leba a bandeira  
de fita azul,  
biradinha ao norte  
ai, ai, ai, biradinha ao sul*

*Leba a bandeira  
cheia de fitas,  
as raparigas  
são as mais bonitas!*

*Leba a bandeira  
cheia de rosas  
as raparigas  
são as mais formosas!* (l,525)

Observe-se, na última estrofe, o paralelismo semântico, apoiado pela alternância vocálica.

– *o Marão, entre dois mundos:*

*Nas boltinhas do Marão,  
olha as boltas que eu fui dare!  
arrisquei a minha bida  
para contigo casare!* (l,494)

– *Coimbra* também estende a todo o país o ‘manto diáfano’ da sua romântica fantasia:

– *Ó Beatriz, onde vais a esta hora?  
é meia-noite no meu coração.  
– Vou a Coimbra ouvir os estudantes  
a tocar, a tocar no violão.* (ll,1036)

– O amor à *província de Trás-os-Montes e Alto Douro* está presente em muitas cantigas, que evocam algumas das características, físicas e sociais, desta província:

*"Tim, tim, sou de Trás-os-Montes,  
de Trás-os-Montes, terra bravia.  
Em trono estou colocada  
só vejo serras e penedia.*

*Tim, tim, sou de Trás-os-Montes,  
de Trás-os-Montes, terra do Norte.  
Quando vem a trovoada,  
a Deus entrego a minha sorte.*

*Tim, tim, sou de Trás-os-Montes,  
de Trás-os-Montes, terra frágosa.  
Vem o sol, vem a geada,  
fico morena, bem mais formosa.*

*Tim, tim, sou de Trás-os-Montes,  
de Trás-os-Montes, como o luar.  
Bem cobertinha de neve,  
sou uma noiva que vai casar.*

*Tim, tim, sou de Trás-os-Montes,  
só vejo serras e penedia.  
Vindimar no Alto Douro,*



*Guardar ovelhas na Terra Fria.*

*Tim tim sou de Trás-os-Montes  
vou pelos montes pela manhã;  
à noite, candeia acesa,  
eu conto histórias e fio a lã. (1,562)*

– e o *Alto Douro* também:

*– Eu vou cantar a Tirana  
para toda a gente ouvir  
a Tirana é do Alto Douro  
não pode de cá sair.  
a Tirana é do Alto Douro, Tirana,  
não pode de cá sair.  
– anda à roda, Tirana à roda,  
à roda, sempre sem parar.  
tu és a alegria dos olhos, Tirana,  
para quem te vê dançar. (1,563)*

*Adeus ó lugar de Loureiro  
As costas te vou virando:  
A boca cheia de risos  
Os olhos de água nadando. (Avulsas)*

– e as *vindimas*, nas quintas, trazem saudades:

*Ai vindimas, vindiminhas,  
vindiminhas boas são:  
eu em qualquer vindiminha  
ganho sempre uma afeição!*

*O sol vai para o deserto  
chorando porque nasceu:  
quando o sol suspira e chora...  
ai de mim, que farei eu? (1,594)*

Algumas mais:

*Boua noute, meus senhores,  
bou começar a cantar.  
pra espairecer a bindima  
e as ubas que há pra acartar!*

*Quando chegam as bindimas  
põem-se as trouxas de couro:  
não há nada mais bonito  
do que as bindimas do Douro!*

*As bindimas, bindiminhas,  
as bindimas boas são:  
fui de casa co'um cruzado  
entrei com meio tostão.*

*Toca a apartar, apartar,  
o gacho preto do branco;  
também a mim me apartaram  
do amor que eu amo tanto.*

*Dói-me a barriga com fome,  
mas não é com fome de ubas:  
é fome dos teus carinhos,  
que tu, amor, me recusas.*

– Nós somos *bindimadeiras*,



## GRANDE CANCIONEIRO DO ALTO DOURO

---

*cortamos ubas doiradas,  
– E nós, alegres, pisamos  
as ubas por bós cortadas.*

*Nas bindimas, nas bindimas  
é labuta sem parar:  
as mulheres cortam nas ubas,  
os homens bão pró lagar.*

*– Ó meu rico regadinho,  
que lebas na tua abada?  
– Um gacho de moscatel  
que é pra dar à minha amada.*

*Bindimas, minhas bindimas,  
as bindimas boas são:  
se não fossem nas bindimas,  
ou me casaria ou não.*

*Gachos de ubas bindimeí,  
deles bou fazer o binho,  
e só dele probarei  
no dia de São Martinho.*

*A bideira malvasia  
dá bem ubas para comer,  
mas também serbe pra dar  
bom binho para buber. (I,176)*

– *o jardim, o rio:*

*Se fores ao jardim às rosas  
não cortes a margarida:  
que foi o primeiro amor  
que tu tivestes na vida.*

*Fui lavar ao rio Douro  
escorreguei no sabão,  
abraçei-me a uma rosa  
ficou-me o cheiro na mão... (II,1206)*

– *o rio:*

*A água que leva o rio  
passa por baixo da ponte:  
este nosso bem-querer  
já não é de hoje nem de ontem!*

*Já no meu querer me lavava,  
minha rica lavadeira:  
trazia a roupa de neve  
naquela fresca ribeira.*

*Naquela fresca ribeira,  
naquele rio Jordão...  
trazia a roupa de neve  
com poucoquinho sabão.*

*Com poucoquinho sabão,  
com poucoquinho trabalho:  
trazia a roupa de neve  
estendidinha no orvalho.*

*Estendidinha no orvalho,*



*estendinha ao calor...  
trazia a roupa de neve,  
a roupa do meu amor. (l,45)*

– *a fonte:*

*Se for's à fonte,  
leba a cantarinha,  
bebe auga por ela,  
ficas coradinha. (l,197)*

*Minha mãe mandou-me à fonte  
pela hora do calor;  
eu quebrei a cantarinha  
ao falar c'o meu amor.*

*Minha mãe mandou-me à fonte  
com sapatos de algodão  
eu quebrei a cantarinha  
ao falar com o João.*

*Minha mãe mandou-me à fonte  
com sapatos de cetim,  
eu quebrei a cantarinha  
ao falar c'o Joaquim.*

*Minha mãe mandou-me à fonte  
à fonte do salgueirinho,  
mandou-me lavar a pota  
com felor de rosmaninho.*

*Minha mãe mandou-me à fonte  
à fonte do salgueirinho,  
ao esfregá-la com areia,  
eu quebrei-lhe um bocadinho.*

*Ó minha mãe, não me ralhe,  
que eu inda sou pequenina:  
eu hei-de ir ganhar dinheiro  
para outra cantarinha! (l,124)*

*Fui à fonte beber água  
Debaixo da flor da murta;  
Foi só p'ra ver os teus olhos,  
Que a sede não era muita... (Avulsas)*

– *o adro:*

*Resineiro de Leiria  
da camisola amarela  
onde é que ela foi ganhada?  
foi no adro da capela. (l,505)*

*No adro de Santiago,  
moreninha,  
stá uma verde nabiça.*

*Ó ai moreninha,  
ó ai, meu amor,  
tu hás-de ser minha,  
será quando for!*

*Onde choram nos meus olhos,  
moreninha,*



cada vez que vão à missa... (l,328)

– a eira:

*Chamaste-me trigueirinha  
isto é do pó da eira;  
hádes-me ber ó domingo  
como a rosa na roseira.* (l,135)

– as esquinas:

*De que servem as esquinas  
numa noite de luar,  
se elas não hão-de encobrir  
dois amantes a falar?* (l,1225)

– a desfolhada:

*Nas desfolhadas da aldeia  
Rapazes e raparigas  
Inté à luz da candeia  
Intoam lindas cantigas.*

*Ai, desfolhadas!  
Lindas desfolhadas  
Lindas raparigas  
Tão bem arranjadas...*

*Ao sair de casa,  
elas sabem bem  
Que os seus namorados  
Lá irão também.* (l,175)

– a horta:

*Quando bou à horta  
quando bou e banho  
assanto-me à porta  
dum amor que eu tanho.  
Dum amor que eu tanho  
dum amor que eu tinha  
assanto-me à porta  
bem assantadinha.*

*Quando eu num tinha  
desejaba ter  
um amor bonito  
sem ninguém sabere.  
Agora já tanho  
já me num importa,  
eu só m'intretanho  
quando bou à horta.*

*Co'a saia noba  
a abantal de chita  
lá na minha aldeia  
era a mais bonita.  
Era a mais bonita  
e a mim num m'importa  
eu só me panteio  
quando bou à horta!* (l,491)

– o pomar:

*Amor, se quiser's dançar,  
Vai ter ao pomar, qu'eu lá irei ter.  
– Sou sim, sarraninha sou,  
Eu dançar não vou,*





*Mas gosto de ver.* (l,421)

– *o caminho:*

*Um só caminho conheço  
como a palminha da mão:  
vai direito, direitinho,  
juntinho ao teu coração!* (l,113)

– *a varanda:*

*Ó erva cidreira que estás na varanda,  
Quanto mais te rego, mais cresces prá banda!* (l,197)

– *a janela:*

*Laurinda estava à janela, à janela debruçada,  
Passou um rapaz e disse: olha a minha namorada!* (l,255)

– *a serra:*

*No alto daquela serra  
está um lenço a acenar:  
está dizendo: viva! viva!  
morra quem não sabe amar!* (l,329)

*No alto daquela serra  
Não sei que vejo luzir:  
Não sei se é ouro, se é prata,  
Se espelho de me eu vestir.* (Avulsos)

*No alto daquela serra,  
Ouvi cantar e chorei,  
Pela minha mocidade,  
Que tão mal a empreguei.* (Avulsas)

– *o mar:*

*No meio daquele mar  
Anda uma pombinha branca;  
Não é pomba, não é nada:  
É o mar que se alevanta.*

– *o Brasil:*

*Bou pró Brasile, linda morana,  
num é pra ganhar dinheiro,  
É pra que digam nas moças, linda morana,  
Biba o senhor brasileiro!*

*Bou pró Brasile, linda morana,  
mas num bás por munto tempo,  
os teus olhos bão comigo, linda morana,  
num me sais do pansamanto,*

*Bou pró Brasile, linda morana,  
Minha bontade é ficare,  
bou no primeiro bapore, linda morana,  
contigo quero falare...* (l,611)

Muitíssimas outras referências a localidades existem no Cancioneiro, nem todas importantes demograficamente: Lamego, Loureiro, Jogueiros, Cruz Quebrada, Outeiro, Remédios, Socorro, Serra do Marão, VilaReal, Sanhoane, Marvão, Vilarinho, Régua, Pinhão...



### 2.03 Referências a espaços sociais

Desde que os homens deixaram a caça e a colheita como modo de subsistência, nunca mais alcançaram o mesmo equilíbrio entre a liberdade e a estabilidade da ordem: a vida social é uma constante dialéctica entre o desejo de liberdade e a necessidade de reforçar a estrutura social.

O *satatus* individual e a estrutura social estão interligados por um sistema de relações comunitárias, com deveres e direitos.

Gera-se um sentido para o lugar a que se pertence, o que se espera que façamos e, mesmo, que pensemos; sem este encaixe individual na estrutura humana, o mundo social é o caos.

As cantigas referem alguns dos factores aglutinantes desta estrutura:

– *a emigração:*

A região do Douro está muito marcada pela emigração, pois a principal fonte de recursos era a agricultura – com tantos condicionamentos aleatórios: o clima, a produção, as vendas...

Vejamos como o facto é abordado numa desgarrada:

*1º Cantador*  
*Vou-vos contar, meus amigos,*  
*Quando fui pró estrangeiro:*  
*Emigrei para a Suíça*  
*A procura de dinheiro.*

*2º Cantador*  
*Foste grande aventureiro*  
*Eu já sei isso de cor*  
*Tu foste pró estrangeiro*  
*Prá vida te correr melhor.*

*Hoje sinto-me melhor,*  
*Mas tenho que recordar*  
*Fui com o coração partido*  
*Ao ver a família a chorar...*

*Deves sempre recordar*  
*O dia em que foste embora,*  
*Porque, quem chora por nós,*  
*É sinal que nos adora!*

*Mas foi triste aquela hora:*  
*[Eu tinha que me ir embora]*  
*Eu tinha grande saudade,*  
*Ao deixar o meu país*  
*Aos vinte anos de idade.*

*Hoje tens habilidade*  
*E vais ganhando o teu pão;*  
*Quem sabe? no estrangeiro*  
*Aprendeste uma lição.*

– *emigração feminina:*

A costureirinha resolve ir para o estrangeiro, ganhar dinheiro para se casar. Quando



regressa, além de se ter adaptado à moda das saias mais curtas, também mudou o seu ideal de namorado, e fugiu dele, em ruptura não só com ele, mas com a própria família e todo o *status* antigo:

*Mariazinha é tecedeira  
Mariazinha tem um tiare  
Mariazinha foi pr'ó estrangeiro  
ganhar dinheiro p'ra se casare.*

*Mariazinha teu pai num quere  
Mariazinha teu pai num gosta  
Mariazinha teu pai num quere  
a saia curta e a perna à mostra.*

*Mariazinha fugiu ó noibo,  
Mariazinha fugiu fugiu;  
Mariazinha fugiu ó noibo,  
de madrugada, ninguém na biu. (1,286)*

– *o comboio:*

O início das viagens no caminho-de-ferro na Linha do Douro, trouxe, através do comboio, uma mobilidade económica e social que veio dar uma nova perspectiva de vida ao espaço alto-duriense e, de modo geral a toda a bacia hidrográfica do Douro, que abrange vários distritos e concelhos do Norte e do Centro-norte:

*Lá na barraquinha,  
Lá no barracão,  
Apita o comboio  
Lá na estação.*

*Lá na estação,  
Lá vem a apitar,  
Co'a barriga cheia,  
Capaz d'arr'bentar!... (1,249)*

– *ter um relógio (luxo e fingimento...):*

*Menina, que está à janela,  
Com seu relógio à cinta,  
Diga-me que horas são,  
Fale berdade, não minta. (1,384)*

– *a presença da mãe:*

Com a ausência dos homens válidos nas abundantes chamadas ao dever de contribuir para a conquista e consolidação do território do Reino, a sociedade adquiriu uma feição matriarcal. A mãe representa uma garantia que transcende muito a relação de maternidade, alargando-se a todos os pormenores da família, do futuro dos filhos... da vida e da morte:

*Ó minha mãe da minha alma,  
Ó pai do meu coração,  
Por muitos anos que eu viva  
Não vos pago a criação!*

*Minha mãe, minha mãezinha,  
Minha mãezinha do céu  
Que me trouxe nove meses  
Debaixo do seu mantéu!*

*Ó minha mãe, minha mãe,*



*Minha doce companhia,  
Caixinha dos meus segredos,  
Espelho donde eu me via.*

*Ó água que vais voando,  
Por essas serras além,  
Leva-me ao Céu, onde tenho  
A alma da minha mãe!* (Avulsas)

– esquecem-se antigos atritos e obstáculos impostos pela *autoridade*...

*Minha mãe p'ra me casar  
Prometeu-me bois e vacas.  
No dia do casamento  
Deu-me uma malga de papas!* (Avulsas)

*Minha mãe, p'ra me eu casar,  
Prometeu-me quanto tinha,  
Depois de me ver casada  
Deu-me uma agulha sem linha!* (Avulsas)

*Ó gira o fado,  
lá p'ros lados da Alagoa:  
minha filha já namora  
com um soldado de Lisboa.*

*Com um soldado de Lisboa,  
eu não quero um furriel:  
eu não quero a minha filha  
de sentinela ao quartel.* (1,498)

*A sala de quatro cantos  
ai, tem o sobrado seguro;  
por causa do meu amor  
sabe Deus o que eu aturo!*

*Sabe Deus o que eu aturo,  
ai, que me ralha a minha mãe!  
Brinco eu e brincas tu,  
brinca o meu amor também...* (1,58)

*Eu stava a lavar, lavava,  
Eu stava a lavar, lavei...  
Passou lá o meu amori,  
Nem uma fala le dei!*

*Nem uma fala le dei,  
Minha mãe já me ralhou...  
Minha mãe já não se lembra  
Do tempo que já passou.*

*Do tempo que já passou,  
Do tempo que já lá bai...  
Minha mãe já não se lembra  
Quando namorou meu pai.* (1,204)

*Eu q'uria-te amare  
minha mãe num deixa  
ó felor d'aurora  
ó felor d'ameixa.*

*Se tu le dixeres*



*ela atão já deixa  
ó felor d'amora  
ó felor d'ameixa. (1,359)*

...mas a juventude, às vezes, precisa mesmo de ser chamada à razão:

*Ó Aidinha. Ó Aidinha,  
Sinhora mãe, já lá vou!*

*Ó Aidinha. ó Aidinha,  
Cara de leite coado!  
Tu na rua a namorar  
E o teu pai amortalhado!*

*E o teu pai amortalhado,  
Já la bai prà sepultura...  
Ó Aidinha, ó Aidinha,  
Oh, que filha tão madura! (1,335)*

– a presença dos pais:

*Embora tua mãe não queira,  
E teu pai diga que não,  
Havemos de ir à igrája  
Dar as mãos como os mais dão. (Avulsas)*

*Tu pediste-me a meu pai  
Sem saber se o quero eu:  
Em tudo meu pai governa  
Mas nisto governo eu. (Avulsas)*

– a pobreza:

*Da tua casa prá minha  
vai o salto de uma cobra:  
ainda espero chamar  
à tua mãe minha sogra!*

*Sou bonita, sou bem feita  
e bonita sou em tudo!  
Mal o haja o pouco ter  
que é o que desmancha tudo! (1,238)*

*Eu passei numa terra estranha  
a pedir esmola, ninguém ma deu,  
ai eu hei-de deixar escrito:  
ai à fome ninguém morreu! (1,190)*

– o espaço rural:

*Minha mãe mandou-me à erva  
eu à erva não hei-de ir:  
o lameiro tem buracos  
tenho medo de cair! (1,297)*

– a conquista de status:

A vigilante orientação maternal não se limita às raparigas: este rapaz tenta sacudir ironicamente a pressão da mãe para “arranjar... uma menina muito rica”. E, com ela, um grande *status*, individual e familiar.

Vale bem a pena ler estas ‘instruções maternas para um rapaz pobre que vai conquistar uma menina muito rica’, ou: ‘*encomenda de uma sogra pobre para uma futura nora muito rica*’:

*– Onte à noite eu tive um sonho qu'ele era do meu agrado:  
Que tu estavas resolvido a tomar novo estado.*



Fazes um bom matrimónio, ser por tudo respeitado.  
– Não sonhe isso, minha mãe, que são sonhos variados;  
olha o futuro que tira dos homens que são casados.  
Solteirinho 'tou tão bem, quem me manda ter cuidados?  
– Vou-te a dizer uma coisa só p'ra ver se te arrita:  
Não era mau que arranjasses uma menina muito rica.  
Se não soubesses falare, falaras por escrita.  
– Para isso precisava rendimentos e brasões;  
p'ra conhecer nobres famílias hei-d'entrar em relações.  
Minha mãe, sem eu ter nada, quer que eu váia p'ra milhões.  
– Tu vês o nosso vizinho? Se ao princípio foi bem pobre,  
agora tem a casa cheia de bom ouro prata e cobre.  
Já o fizeram barão, está chegado à gente nobre.  
– A fortuna da pessoa com ela deve nascere;  
quem procura não a acha, como é que há-de sere?  
Eu procuro e não a i-acho, minha mãe, que hei-de fazere?  
– Entre portas e manzuras, entre valsas e quadrilhas,  
vai entrando nessas casas desses pais que têm as filhas.  
Tomarás conhecimento com essas nobres famílias.  
– Que importa eu ir ao baile, meu corpinho estafare,  
Se a dama que eu pretender, não calhasse a ser meu pare?  
Só com o botar ilusões, nem cuida conversare.  
– Tu, quando fores para o baile, conversa com as meninas,  
e ao sair da porta fora l'apertes suas mãozinhas  
e le dizes pelas criadas que le mandas umas cartinhas.  
– Eu sou um grande bailador, um bailador afamado;  
sou o serão da cana verde, o regadinho cantado;  
sou o senhor da serra alta, também sei dançar o fado.  
– Tu és um belo rapaz, és uma bela figura;  
'inda podes ser feliz se usares com impostura.  
Quando fores falar às meninas, dá-le falas com doçura.  
– Ai, minha mãe, se isso é remédio, vou usar essa comida;  
vou meter muita doçura cá p'ra dentro da barriga.  
– Valha-me Deus, ó meu filho, qu'assim tu estás inocente;  
as palavras com doçura é um dom que Deus dá à gente,  
e tu, sem arranjares nada, já andas todo contente.  
– Minha mãe quer que m'eu case, não repara para o futuro;  
não repara para a fraqueza que um probe homem atura.  
– Eu também era impertinente quando com o teu pai me recebi  
e tantas me deu no corpo até que eu aprendi.  
Se a tua for impertinente, faz-le tu também assim. (II,1063)

– a recusa de 'dar' a filha em casamento a um rapaz pobre, mesmo já 'enganada'  
(desflorada) por ele:

– Bom dia, senhor Morais,  
Bom dia lhe benho dar,  
Benho le pedir a filha,  
Se o senhor ma quiser dar.

– Inda me aqui apareces,  
Ó maroto, ó malbado?!  
Minha filha não na dou  
Para as mãos de um desgraçado!

– Já que me não dá a filha,  
Mande-a bestir de luto..  
Outros le gozem a rama,  
Que eu já le gozei o fruto...

Ó reparigas, ó moças,  
Olhai lá por donde andais!



*A honra é com' ò bidro,  
Se quebra, não solda mais!* (I,534)

– *o dinheiro:*

*Tantas libras e eu tão libre delas!  
são amarelas,  
são de cavalinhos...  
são firmes, são elegantes,  
são leais aos meus beijinhos!...* (I,555)

– *rixas:*

*No dia vinte e seis de Julho, data que jamais esqueço,  
minha vida amargurada nela teve o seu acoçoço.  
Ao toque duma guitarra foi um baile organizado  
em honra do senhor Félix, que o seu pão tinha limpado.  
Passados alguns momentos houve uma provocação;  
para me baterem a mim, provocaram-me meu irmão.  
Eu, que estava presente, fiz a minha obrigação:  
Atirei-me ao gasganete, dei-te-lhe logo a mão.  
Nesse mesmo tempo, uma faca que eu usava,  
o meu mais maior amigo, no ventre lhe penetrava.  
Eu, mesmo naquele momento, eu, se não o mato, morria;  
eu ua pancada eu atiro a uma arma qu'ele trazia.* (II,1061)

– *o vício desgraçado do jogo:*

*A vida dum jogador é uma vida abandonada;  
Quer de noite, quer de dia, sempre é vida arriscada.  
Saiu de casa do jogo: – Mulher, dá-me de ceiar.  
– Tu que queres que t'eu deia, ó homem, s'eu não tenhoque te dar?  
São as noze horas da noite, estamos em jejum natural;  
O dinheiro que tu tens, é só comer e emborrachar.  
– Cala-te aí, ó mulher, qu'eu já nem sequer te vejo;  
Puxo o meu punhal do bolso, satisfaço o meu desejo.  
– Aqui me tens ao teu lado com olhos de piedade,  
Faz de mim o que quiseres, satisfaz tua vontade.* (II,1065)

– *a condição da mulher:*

*P'r' à mulher ser infeliz,  
só le basta ser mulhere;  
sempre nas língua do mundo,  
esteja lá onde estiver.*

*Que não fala, tem presunção,  
se passa por indecente;  
se fala p'ra toda a gente,  
não conhece a posição.*

*Mas se ela vai a um serão  
há lá uma língua que diz:  
– Ela foi porq'ela quis;  
foi p'ra aquecer ao amante.  
Isto é bastante  
p'r' à mulher ser infeliz.*

*Se vai à missa asseada,  
há quem se atreva a dizere:  
– Tu não tens para comere  
e tens p'andar engomada.  
Mas se vai suja e mal tratada:  
– É um bandalho porque quere,*

*Esteja lá onde estivere  
e passe por quem passar,*



*para o mundo dela falar.  
só le basta ser mulher.* (II,1064)

– *a taberna, uma prostituta:*

*Indo eu por esta rua, certa menina encontrei eu;  
ela me arrouchou minha mão a sua mão arrochei eu;  
chamou-me para a taberna, e prá taberna fui eu;  
mandou-me botar meilítro, o lítro mandei botar eu.  
Chamou-me pra sua casa, pra sua casa fui eu;  
meteu-me para o seu quarto, para o seu quarto entrei eu;  
ela tirou a sua saia, e as minha ciroulas tirei eu;  
ela deitou-se na cama e na cama me deitei eu;* (II,1062)

– *a Justiça, um tribunal:*

*Adeus, casas, adeus, ruas, adeus, águas da ribeira;  
adeus, grande tribunal, casa onde eu fui julgado;  
Adeus, ó doutor Alberto, fostes meu advogado.  
Nem me valeu o advogado nem dinheiro que lhe dei,  
nem me valeu a verdade que no tribunal falei.* (II,1065)

## 2.04 Referências a homens e mulheres

### *Caracterizações de mulheres:*

*As solteiras são de ouro,  
as casadas são de prata,  
as viúvas são de cobre  
e as outras são de lata!* (II,1206)

*A história da raposa  
Aquase faz quanto quer,  
Com todas as suas manhas  
É parenta da mulher.*

*A mulher que é vagamunda  
Não tem vergonha nenhuma  
Tem mais de milhentas manhas  
E por cima inda mais uma.*

*Aquele homenzinho nem desconfiava  
Que cada mulher é que o tramava!...* (II,1036)

– *retratos: morenas e loiras:*

*Ó meu amor, se tu fores  
ao tribunal das formosas,  
apega-te às moreninhas  
que as loiras são enganosas.* (II,248)

– *retratos da mulher amada:*

– «Tendes dois olhos na cara  
Que parecem duas flores»;  
– «Os teus olhos são dois sóis  
Que dão ao mundo clareza».  
– «Tu tens o pé pequenino  
Do tamanho duma flor»;  
– Tua boca me parece  
Um botãozinho de rosa;  
Tenho visto bocas lindas  
Mas nenhuma tão formosa! (Avulsos)

– *as morenas – mais ‘quentes’:*

*Era meia noite, eu à porta sentada,  
já tudo dormia, só eu acordada,*





*e de repente passa a morenita,  
sainha bem curta e bela pernita. (II,1050)*

*Ai, morena! Ai, morena!  
Ai morena, moreninha!  
Dá-me um beijo, dá-me um beijo,  
Dá-me um beijo, rosa minha! (I,74)*

*– carinho pela moreninha:*

*Eu quero casar contigo,  
ó ai moreninha,  
antes da lua voltar*

*Ó ai moreninha,  
ó ai, meu amor,  
tu hás-de ser minha  
seja quando for!*

*As vidas são muito curtas  
pra quem tanto tem a amar... (I,333)*

*Subi ó céu por um fio,  
ó ai, moreninha,  
duma nubem fiz incosto*

*ó ai, moreninha, ó ai, meu amore,  
tu há-des ser minha seja q'ando fore!  
Seija quando fore, seija quando não,  
ó ai, moreninha do meu coração!*

*Dei um beijo numa strela,  
ó ai, moreninha,  
pensando que era o teu rosto,*

*Subi ó céu por um fio,  
ó ai moreninha,  
e desci por um nobelo*

*O que faz alguns falare,  
ó ai, moreninha,  
é a dor de cotovelo. (I,333)*

*É do meu gosto,  
é da minha opinião  
hei-de amar a moreninha  
da raiz do coração! (I,360)*

*b) caracterizações de homens:*

*Eu canto na romaria,  
cada um faz o que pode,  
Trago sempre em companhia,  
[para me dar alegria]  
Amadeu, o meu bigode.*

*Há a cabra e há o bode  
[hoje só canta quem pode]  
Há a c'ruja e o parda!,  
Eu também já tive um bode  
Que era como tu, igual!...*

*Mas eu não levo a mal  
[neste lindo arraial]*



*Até me sinto feliz:  
Sou o macho natural  
Das cabras deste país!*

*Mas só se for co'o nariz  
[o Amadeu assim o diz]  
Tu podes valer à míngua,  
E até eras mais feliz  
Se lá fosses com a língua!*

*Esta cantiga não finda  
[eu estou a cantar ainda]  
Escuta, ó Amadeu,  
Mas há tanta coisa linda  
[ou à ida, ou à vinda]  
Que este bigode lambeu!...*

*Agora termino eu,  
Porque este tudo aguenta,  
Não lambe o Amadeu  
Porque inda tem ferramenta!* (II,1223)

– *homem: cabelos e chapéu:*

*Toda a moça que é bonita  
namora rapaz fadista  
de cabelos ondiados  
e chapéu à realista.*

*E chapéu à realista,  
corrente de ouro ao peito...  
hei-de amar um rapaz novo,  
que eu pra isso tenho jeito!* (II,1210)

*A azeitona miudinha, ah!  
Que azeite pode rendêri?  
Homem picano sem barba, ah!  
Que respeito pode ter?* (I,240)

– *nomes de homem:*

*António, lindo António,  
Espelho do meu vestir,  
Quem tem um amor António  
Vai ao céu e torna a vir!* (I,109)

*Lindos olhos tem o Tónio,  
inda agora reparei  
se mais cedo arrearaba,  
num amaba quem amei.*

*Ai, ai, que lindo!  
Ai, ai, que belo!  
Ai, ai, que lindo par eu lebo!*

*Ai, que lindo par eu lebo  
aqui à minha direita,  
ai que linda rosa branca,  
que tão belo cheiro deita!*

*O Tónio me deu um crabo  
à saída do sermão;  
meti o crabo no peito  
e o Tónio no coração.* (I,75)



– *as raparigas cantam os Antónios:*

*Se o meu amor fosse António,  
Mandava-o envidraçar...*

– *os Manéis também têm uma ‘mitologia’ própria:*

*Assim como é Maneli  
hei-de mandá-lo dourar* (l,109)

*Manuel é pano fino  
ai que se compra  
no mercado.* (l,169)

Mas há outros nomes, embora não tenham um lugar tão íntimo no ‘devocionário onomástico’ feminino:

*João, Joaquim* (l,124)

*Aqui, meu amor, aqui,  
Aqui, neste terreirinho,  
Onde a pomba bate a asa,  
Onde a rola faz o ninho.*

*Tenho carta no correio,  
Ai Jesus! De quem será?...  
Se é do António, não na quero;  
Se é do Zé, dai-ma já cá!* (l,101)

*Escolher o meu par bem escolhidinho,  
salta machadinha,  
deita-te ao caminho.*

*Scolher o meu par, já eu sei quem é:  
é um rapazinho chamnado José.* (l,268)

– *a Mariquinhas e o Manuele:*

*– Boua tarde, Mariquinhas,  
como é que tu tens passado?  
por causa de te num bere  
tanho tanta saudade!*

*– Boua tarde, Manuele,  
como bais tu de saúde?  
por causa de te num bere,  
já quis chorar e num pude!* (l,115)

Há mais nomes de homens; porém António, Manuel e José são os mais populares. Se ‘Emanuel’ é nome de Cristo e José pai de Jesus, António é o nome do santo mais milagroso de Portugal. Mais do que João e Pedro.

– *à cabeça dos nomes de mulheres mais populares, está Maria:*

*A rosa, pra ser bonita,  
tem de ser d’Alexandria:  
a mulher, pra ser formosa,  
tem de se chamar Maria!* (l,74)

*Maria, quando morreres,  
Quem te há-de levar à cova?  
Quatro rapazes solteiros,  
Que eu sou rapariga nova.*

*Os quatro que a levaram,  
Choraram do coração,  
Ao verem aquela imagem*



*Sepultada no caixão.* (I,282)

Ó Maria,  
tu já namoras!  
Tu por quem choras  
eu bem no sei...

Hei-de namorar,  
e hei-de namorar,  
sou solteirinha,  
quero-me casar!...(I,283)

Maria, minha Maria,  
Maria, meu ai-Jesus,  
No dia que te não vejo  
Nem a candeia dá luz! (Avulsas)

– por vezes aparece a variante *Maria Ana (Mariana)*:

Ó Maria, ó Mariana,  
a tua mãe está-te a chamar!  
Eu bem sei o que ela quer:  
não me deixa namorar! (I,284)

Além de Maria e Ana, e Mariana e Mariquinhas (Marquinhas), tão abundantes ainda hoje, há nas cantigas vários nomes de mulheres, como: Adelaide, Adelaidinha, Aida, Aidinha, Micas, Matilde, Nazaré, Olímpia... e Rosa, um nome muito simbólico entre o povo.

É viável e lógica a reflexão seguinte: as cantigas mais antigas são as que conservam os nomes bíblicos, da tradição cristã, quer se trate de nomes de homens quer de nomes de mulheres.

## 2.05 Referências ao vestuário

– *o cabelo foi sempre o ai-jesus das moças (e o sapato, e a meia, e a chinela, e os folhos...)*

Ó moças da nossa aldeia  
deixem-se andar asseadas:  
bom sapato, boa meia,  
boa chinela dourada. (II,1206)

Ó Ana, tira-tirana,  
Ó felor dos romaninhos,  
Os folhos da tua saia, ó Ana,  
Têm acções de bós paninhos.

Chamastes ao meu cabelo  
Fiadoiro mal torcido!  
Eu qu'hei-de chamar ao teu, ó Ana?!  
Cordas que me tem prendido!

Se fores ao cemitério  
No dia do meu enterro,  
Diz à terra que não coma, ó Ana,  
As tranças do meu cabelo. (I,86)

– *as desfolhadas são locais de ir bem lavada e vestida, pois, na noite... muito pode acontecer:*

Ai, desfolhadas!  
Lindas desfolhadas



*Lindas raparigas  
Tão bem arranjadas...*

*Ao sair de casa,  
elas sabem bem  
Que os seus namorados  
Lá irão também.* (1,175)

– *e também a ida à horta:*

*Co'a saia noba  
a abantal de chita  
lá na minha aldeia  
era a mais bonita.  
Era a mais bonita  
e a mim num m'importa  
eu só me panteio  
quando bou à horta!* (1,491)

– *saia, vestido, blusa...*

*Minha mãe, eu quero, quero  
saia branca bem passada:  
eu não posso ir ao baile  
com a saia enrodilhada.*

*Com a saia enxovalhada,  
toda cheia de poeira,  
tudo isso é trabalho  
para a nossa lavadeira.*

*Minha mãe, eu quero quero  
um lencinho de festão  
para ver o meu amor  
que me quer pedir a mão.*

*Minha mãe, eu quero quero  
uma blusa de cetim,  
para ver o meu amor  
que gosta muito de mim.* (1,296)

– *saia e sapatos:*

*Adelaide, Adelaidinha,  
quem te há-de levar à cova?  
quatro rapazes solteiros,  
que eu sou rapariga nova.*

*Eu sou rapariga nova  
e sou bem arranjadinha:  
sapato à inguelesa,  
saia branca à Adelaidinha!* (1,63)

– *o lencinho da mão:*

*Sou novinha, mas já tenho  
o meu lencinho da mão,  
que mo deu um caixeirinho  
às scondidas do patrão.*

*às scondidas do patrão,  
vou dizer ao impregado!  
Sou novinha, mas já tenho  
o lenço da mão bordado!* (1,553)

– *fazer o bragal aos serões:*

*Serões da aldeia  
nestas casas caiadinas,*



*junto à lareira,  
fiando nas rocas velhinhas,  
as raparigas,  
com seus dedos delicados,  
vão fazendo finas rendas  
pró dia dos seus noivados... (II, 1205)*

– *o pente, a rosa, a fita:*

*Olha a doiradinha  
ai, dom-solidom,  
como vai airosa!  
a mão na cabeça,  
ai, dom-solidom,  
não lhe caia a rosa!...*

*Olha a doiradinha,  
como vai contente!  
a mão na cabeça,  
não lhe caia o pente!...*

*Olha a doiradinha,  
como vai bonita!  
a mão na cabeça,  
não lhe caia a fita!... (I, 185)*

– *a blusa, o avental:*

*- Questureirinha bonita,  
tu que estás a questurar?  
- Stou a bordar um lençinho  
para o nosso general.*

*- Questureirinha bonita,  
tens agulha, tens didal,  
só te falta a tisoirinha  
pra talhares o avental...*

*Pra talhares o avental  
pra talhares a belusinha,  
tens agulha, tens didal,  
ó minha questureirinha... (II, 1139)*

– *saia na moda:*

*A minha saia belhinha  
toda rotinha de tanto bailare,  
agora tanho uma noba  
feita na moda, pra istriare. (I, 52)*

– *fazer meia:*

*Nossa Senhora faz meia  
Com linhas feitas de luz  
O novelo é a Lua Cheia,  
As meias são pra Jesus... (II, 845)*

E é belíssima esta dedicação de mulher recém-casada:

*A roupa do meu amor  
não é lavada no rio:  
é lavada no mar largo  
onde passam nos navios.*

*Onde passam nos navios,  
onde passa o vapor  
não é lavada no rio  
a roupa do meu amor. (I, 512)*

Note-se a reminiscência paralelística, incluindo a alternância vocálica.



## 2.06 Referências ao trabalho e profissões

Do *trabalho* deriva toda a sobrevivência e, socialmente, uma significativa parte da dignidade humana:

*Vós quereis ter alegria?  
De sol a sol trabalhai;  
Deus com trabalhos castiga,  
Mas castigando foi Pai.* (Avulsas)

– *homens são os lavradores:*

*Sapateiros não são homens,  
Carpinteiros homens não são:  
Homens são os lavradores  
Que enchem as arcas de pão!* (Avulsas)

– *o trabalhador do campo:*

*Nunca eu fui um cantor,  
Nem aos descantes chamado:  
Filho dum trabalhador,  
Trabalhos me têm matado.*

*A vida que eu te dou,  
Já tu podes ir sabendo,  
Tu trabalhas, eu trabalho...* (Avulsas)

Este ‘noivo’ não engana ninguém: vive agarrado à terra escravizado de trabalho e nem para cantar lhe resta tempo e disposição. A mulher com quem casar irá para a ‘eixa’ como ele: nem doméstica será (muito menos aquela costureirinha mimosa que conhecemos).

Outro, recém-casado, pretende o contrário: quer que a mulher fique em casa e não vá à monda:

*Não quero que vás à monda,  
Nem tão-pouco a mondar;  
Quero que fiques em casa,  
Carolina, a remendar.* (Avulsas)

– *outro lavrador:*

*Meu amor é lavrador,  
Lavra terras na fenteira,  
O arado com que lava  
É de pau de laranjeira.* (Avulsas)

A fenteira é uma terra de fetos (‘fentos’ no Douro); para plantar vinha aí era preciso lacrá-la muito bem e, até, saíbrá-la, pois os ‘fentos’ são uma praga, tão odiada como, por exemplo, a da grama.

– *o ganhão:*

*Tenho vida de ganhão,  
Não te posso assistir:  
De dia ganho o meu pão,  
De noite quero dormir.* (Avulsa)

– *o segador:*

*Oh, que grande calma cai!  
Eu à sombra estou suando...  
Que fará o meu amor  
Naquele campo ceifando!* (Avulsa)



– *os trabalhos da azeitona:*

Varejai, varejadores,  
Apanhai, apanhadeiras,  
Apanhai bolinhas de ouro  
Que caem das oliveiras. (Avulsas)

a) *profissões:*

Na cantiga Senhora D.Anica há lugar para todas as profissões:

Senhora dona Anica  
venha abaixo ao seu jardim:  
venha ver as costureiras  
a fazer assim... assim...  
(gesto de coser roupa)  
as lavadeiras  
(gesto de lavar roupa...)  
os jardineiros  
(gesto de sachar...)  
os sapateiros  
(gesto de bater pregos, coser ou engraxar...)  
os carpinteiros  
(gesto de serrar, aplinar...)  
as cozinheiras  
(gesto de mexer o cozinhado...) (1,540)

De manhã, de manhãinha,  
toca a Ave Maria,  
vamos trabalhar.  
à noite, no fim da ceia,  
à luz da candeia,  
toca a bailar. (11,1205)

– *trabalhar muito e ganhar pouco...*

O minha Mãe dos Trabalhos,  
Para quem trabalho eu?!  
Trabalho, mato o meu corpo,  
Não vejo nada de meu! (1,409)

– *pedreiro, carpinteiro e lavadeira:*

O pedreiro faz a pedra, ai, ai!  
Carpinteiro a madeira...  
Cada um tem seu ofício, ai, ai!  
E eu também sou lavadeira.

E eu também sou lavadeira, ai, ai!  
Na noite de S. João...  
Lavei a roupa com rosas, ai, ai!  
Ficou-me o cheirinho na mão! (1,118)

– *pedreiros, carpinteiros e lavadeira:*

Pedreiros cheiram a pedra,  
Carpinteiros à madeira:  
Cada qual tem seu ofício,  
Eu também sou lavadeira.

Meu coletinho de linho  
Não mo deu nenhum vadío,  
Bem mo custou a ganhar  
Naquelas pedras do rio! (Avulsas)

– *um ferreiro, um carpinteiro e uma lavadeira:*

O ferreiro cheira a ferro,  
o carpinteiro à madeira





*todos têm o seu ofício:  
eu também sou labadeira.*

*Eu também sou labadeira,  
labo no rio Jordão:  
labo na água de rosas  
fica-me o cheiro na mão. (I,361)*

– *outro ferreiro:*

*O ferreiro, guarda a filha  
Não a tenhas à ajanela,  
Que anda aí um sujeitinho  
Que não tira os lhos dela! (I,360)*

– *outras lavadeiras, incluindo a Mãe de Jesus e S. José:*

*Eu stava a lavar, lavava,  
Eu stava a lavar, lavei...  
Passou lá o meu amori,  
Nem uma fala le dei! (I,204)*

*Donde vens, Maria Rita,  
Que vens tão arrelhada?  
– Venho da Ribeira Nova,  
De lavar, toda molhada!...*

*De lavar, toda molhada,  
De cumprir a obrigação (I,188)*

*Estava Maria à beira do rio,  
Lavando os paninhos do bendito Filho.  
Maria lavava, José estendia,  
O menino chorava com o frio que tinha.  
– Calai, meu menino, calai, meu amor, (II,846)*

– *trabalhar pouco, namorar muito:*

*A quinta do meu patrão  
tem duas pedras d'assento:  
uma é de namorar,  
ó i ó ai,  
outra é de passar o tempo. (I,219)*

– *trabalhar muito e ganhar pouco:*

*Eu no minério  
trabalhava... trabalhava...  
todos ganhavam,  
só eu num ganhava nada! (I,212)*

*Ai minha mãe!  
Tem pena de mim tem tem!  
Não sei que doença tenho  
Que o trabalho não me faz bem! (Avulsas)*

– *a vida no mar:*

*A vida do pescador  
É uma vida arrastada,  
Toda a semana no mar,  
Em cima da água salgada!*

*Eu deitei a rede ao mar  
A fita da mesma linha  
Para apanhar a fataça  
E juntamente a tainha.*



## GRANDE CANCIONEIRO DO ALTO DOURO

---

*A sorte do marinheiro  
É de todas a mais dura:  
Anda sempre a trabalhar  
Em cima da sepultura!*

*As ondas do mar lá fora  
De bravas são amarelas, (dentes amarelos-Adamastor)  
Ai da mãe que tem um filho  
Para andar em cima delas!*

*Embarquei-me no mar largo,  
Já perdi vistas à terra,  
Já não vejo senão céu,  
Água a vento que me leva.*

*Nossa Senhora da Ajuda,  
Que aí 'stais no vosso altar,  
Ajuda! os pescadores  
Que andam nas águas do mar! (Avulsas)*

– *barqueiros e barcos:*

*A barca virou-se  
deixá-la virar  
por causa da menina Zé,  
não se pode endireitar! (I,46)*

*Ó canoa, real canoa!  
Embarca aqui, que a maré está boa! (II,1146)*

– *um pescador:*

*Pescador, que foste à pesca,  
pescador que foste ao mar  
pescar a sardinha fresca  
com que a fome hás-de matar.*

*Volta a rede ao mar  
e torna a voltar,  
volta a rede ao mar  
e vamos lá pescar! (I,479)*

– *um arrais:*

*Ó senhor Arrais do barco,  
olhe lá a sua barquinha,  
olhe lá a sua espadela  
que não esbarre na minha!*

*Ó senhor Arrais do barco,  
caiu uma rata à panela:  
não me tire cá o caldo  
que eu não quero comer dela!*

*Ó senhor Arrais do barco,  
salte fora e venha ver:  
venha ver a sua filha  
que se vai "arreceber"! (I,104)*

– *uma varina:*

*Sou varina, sou varina,  
sou varina, sou de Ovar;  
para ver que sou varina,  
reparai no meu trajar.*

*Reparai no meu trajar,*



reparai prá canastrinha  
eu ando de rua em rua:  
- "quem compra a bela sardinha"?

Quem compra a bela sardinha,  
quem compra a bela pescada...  
a vida de uma varina  
é uma vida amargurada!

Sou varina, sou varina,  
sou varina, sou bem boa,  
sou varina, sou varina  
vim das ruas de Lisboa. (1,589)

– *uma vareira:*

Trago o chapéu à vareira  
E eu também sou vareirinha  
Rapazes, casai comigo,  
Que eu sou bem arranjadinha. (1,323)

– *influência das segadas da Terra Quente:*

Tim-tim olaré tim-tim  
olaré tim-tim olaré quem é!  
Sei falar à espanhola:  
– carago, mira ustê!

Tim-tim olaré tim-tim  
olaré tim-tim olaré quem é!  
– Vira-te pra mim, ó Rosa!  
– Abraça-te a mim, ó Zé! (1,162)

– *uma moleira:*

Ó Margarida moleira,  
dá-me da tua farinha,  
ai, ai, ai, que a quero peneirar  
com a nova peneirinha.

Ó Margarida moleira,  
dá-me farinha e farelo  
para dar ao meu amor  
para o comer de inverno.

A minha amada é moleira,  
traz a cara enfarinhada:  
os beijos sabem-me ó pão,  
num quero comer mais nada! (1,277)

Pometi um cacho de ubas  
À Margarida moleira...  
Ai, ai, ai, agora já lo não dou,  
Ai, ai, ai, que me secou a bideira. (1,278)

– *outra moleira:*

Moleira, linda moleira,  
Ai, feiticeira, linda felor!  
Ai, quem me dera  
Pessuí-lo seu amor!

Vós chamais-me paneleiro,  
Ai, panelas ando vendendo;  
Não há vida sem contrato,  
É mundo, vamos vivendo...



## GRANDE CANCIONEIRO DO ALTO DOURO

---

*Se chegar a ter amores,  
Ai, há-de ser c'um paneleiro;  
Ao sábado, coze a louça  
E ao domingo tem dinheiro.* (1,303)

*Ai que lindos olhos tem  
ai, a filha da moleirinha!  
tão mal empregados nela,  
andar ao pó da farinha!* (1,304)

*A moleirinha  
peneira o pão  
bem peneirado  
pela peneira.*

*O meu amor  
é um trigo  
ele é moído  
na pedra alveira!* (1,305)

– *uma padeira:*

*Indás que eu sou pequena,  
Sou mulher de muita casa;  
Para chegar à masseira  
Ponho-me em cima da rasa.* (Avulsas)

– *várias padeirinhas e outro padeiro:*

*Oh, que lindos olhos  
Tem na padeirinha!  
É mal impregado  
Andar à farinha!* (1,466)

*Ó Adelino padeiro,  
onde deixastes o trigo?  
Deixei-o à Madalena,  
à lavadeira do rio.*

*A lavadeira do rio,  
lava a roupa sem sabão:  
a roupinha bem lavada,  
fica-le o cheiro na mão.*

*Fica-le o cheiro na mão  
fica-le o cheiro no rio:  
ó Adelino padeiro,  
onde deixastes teu brio?* (1,64)

*O meu amor é padeiro, ai,  
Traz a cara enfarinhada:  
Seus beijos sabem a pão, ai,  
Não quero comer mais nada...*

*O meu amor é tão lindo, ai,  
Ganhei-o na romaria;  
Dei-lhe logo o coração, ai,  
Pois disse que me queria.* (1,207)

*Padeirinha, peneira o trigo,  
peneira o trigo com a peneira...  
o meu amor é o trigo,  
ó ai, moído na pedra alveira!*



*Padeirinha, ai, tão branquinha,  
que grande encanto é o teu!  
é dum anjo essa carinha  
de estrelas brancas do céu!... (II,1192)*  
O amor do estudante  
não dura mais que uma hora:  
toca o sino, vai prá aula,  
vêm as férias vai-se embora.

*Estudantes são maganos,  
amigos de apalpar tudo:  
apalparam-me a jaqueta  
– se era de ganga ou veludo!...*

*Estudante, larga o livro,  
anda, vamos ao jardim:  
mais vale uma hora de gosto  
do que duas de latim!*

*O amor do estudante  
é enquanto está presente:  
vêm as férias, vai-se embora...  
fiem-se lá em tal gente!*

*O amor do estudante  
é muito, mas dura pouco:  
é como o milho vermelho  
fica apartado do outro.*

*A capa de um estudante  
é como um jardim de flores,  
toda cheia de remendos  
botados por seus amores...*

*Dizem que amor de estudante  
não dura mais que uma hora...  
só o meu é tão velhinho,  
inda se não foi embora! (II,1161)*

– *uma costureira:*

*Costureira, apaga a luz,  
Apaga-a, vai-te deitar:  
Já passa da meia-noite,  
São horas de descansar. (Avulsa)*

– *mais costureiras:*

– *Ó minha questureirinha,  
que é da cruz do teu cordãoi?  
– Perdi-a no arraiale  
na noite de São João.*

– *Ó minha questureirinha,  
quem te há-de levar prá cova?  
– Quatro rapazes solteiros  
que eu sou rapariga nova!*

– *Ó minha questureirinha,  
um beijinho te hei-de dare...  
um beijinho não é nada:  
três ou quatro hás-de levare!... (II,1149)*



## GRANDE CANCIONEIRO DO ALTO DOURO

---

*Ó minha costureirinha,  
tens agulha e tens didale  
só te falta a tisourinha  
pra talhares o aventale...*

*Pra talhares o aventale,  
pra talhares a belusinha  
tens agulha, tens didale,  
ó minha costureirinha.*

*Ó minha costureirinha,  
não te deixes enganare:  
jogo cartas, bebo vinho,  
tenho o vício de fumare...*

*Tenho o vício de fumare,  
sou um grande fumadore...  
ó minha costureirinha,  
hás-de ser o meu amore!... (II,1181)*

*- Questureirinha galega,  
tu que estás a questurare?  
- um lencinho de três pontas  
para o nosso ginerale.*

*- Questureirinha galega,  
tu que estás a questuraer?  
- Uma camisa de renda  
prá dama que vai casare.*

*- Questureirinha galega,  
tu que estás a questurare?  
- A sobrepelix do cura  
que a oitra foi pra lavare.*

*- Questureirinha galega,  
tu que estás a questurar?  
- Um enxoval muito rico  
para quando eu me casare. (II,1150)*

*- tecedeiras:*

*Esta noite, p'ra meu gosto  
Hei-d'ir fiar ao luar  
Para ver quem me deixou,  
Se me torna a procurar.*

*Doba, doba, dobadoira, doba,  
Não m'enrices a meada.*

*Não m'enrices a meada  
Não m'enrices o meu linho  
Doba, dobadoira, doba,  
Meu amor, dá-m'um beijinho.*

*Meu amor, dá-m'um beijinho,  
Meu amor, dá-m'um abraço,  
Qu'eu não faço a ninguém  
Carinhos como a ti faço. (I,183)*

*Namorei a tecedeira  
pelo buraco da chabe*



*ela staba ruque truque,  
minha porta não se abre.*

*Minha porta num se abre,  
ela num se quer abrir  
- fala baixo num acordes  
minha mãe que stá a dormire!*

*Namorei a tecedeira  
namorei-a mais dum ano:  
ela staba ruque truque  
num me dab'ó desengano. (I,313)*

– *uma rendeira:*

*Sou rendeira vendo rendas,  
vendo o metro a tostão,  
tenho saias de entremeio  
também tenho um bom calção.*

*Estas é que são as saias  
estas calças é que são  
para cantar e bailar  
na noite de São João.*

*na noite de São João  
muita pancada apanhei  
por causa das alcachofras  
que ao meu amor deitei!*

*Na manhã de São João  
eu parti a cantarinha...  
deixei os cacos na fonte...  
não trouxe a água fresquinha...(II,1207)*

*Não m'enrices a meada  
Não m'enrices o meu linho  
Doba, dobadoira, doba,  
Meu amor, dá-m'um beijinho.*

*Meu amor, dá-m'um beijinho,  
Meu amor, dá-m'um abraço,  
Qu'eu não faço a ninguém  
Carinhos como a ti faço. (I,183)*

– *um sapateiro:*

*Sapateiro que bate a sola,  
ai, pum! ai, pum! ai, pum!  
Sapateiro que bate a sola,  
tens cigarros, dá cá um!...(II,1201)*

– *Senhor mestre sapateiro,  
Cosa-me as minhas chinelas  
Decotadas e bem feitas,  
Que eu à noite vou por elas.*

*Que eu à noite vou por elas,  
Que eu à noite lá hei-de ir:  
Eu sou rapariga noba,  
Gosto de me adebertir. (I,292)*

– *um ourives:*

*O meu amor é ourives*



e eu sou o seu tesouro:  
ó i ó ai,  
inda há pouco que o amo  
já me deu um anel de ouro! (1,293)

– *um carreiro:*

Ai, o meu amor é carreiro  
Da Régua para o Pinhão  
Ai, passa uma vida alegre  
C'uma aguilhada na mão.

Ai, fui à fonte beber água,  
Bebi água, bebi terra...  
Estava o meu amor de frente  
Atirou-me c'uma pedra... (1,389)

– *um taberneiro:*

Foi você que me roubou,  
Vendendo água por vinho.  
Lembre-se, seu impostor,  
Daquele velho rifão  
Quem enganar um vendeiro  
Tem cem anos de perdão! (11,1063)

– *um resineiro:*

Resineiro de Leiria  
da camisola amarela...  
onde é que ela foi ganhada?  
foi no adro da capela.

Resineiro, resineiro,  
engraçado no falare  
eu hei-de ir à terra dele,  
se ele me lá quiser levar.

Resineiro é bonito,  
é casado e tem mulhere  
eu hei-de ir à terra dele  
q'antas bezes eu quisere! (1,505)

– *um padre:*

Antonho, se fosses padre,  
Ai, eras o meu confessor;  
Assim, como não és padre,  
Ai, há-des ser o meu amor! (1,527)

– *um frade jovem e sedutor:*

– *Dê-me licença menina, dê-me licença inteira,  
Que eu quero tomar um banho, na sua fresca ribeira.*  
– *Eu, licença, sim, ta dou, servo da Virgem Maria;  
desejava de saber se vinhas por outra vida.*  
– *Pela vida em que eu venho, já to vou a explicare:  
Venho por gastar o tempo, são coisas da mocidade.*  
– *São coisas da mocidade, isso queria eu sabere;  
menina que tão bem fala, pertencia o saber lere.*  
– *Eu não sei lere nem escrever, nem tampouco tocar viola;  
'inda espero d'aprender, menina, na tua escola.*  
– *Menina, na minha escola, não hás-de tu aprendere;  
Deus te deia bem saúde, memória p'ra bem sabere.*  
– *Valha-me Deus, ó menina, tão esquívia me falais,  
pensando eu cá p'ra mim, cada vez me querias mais.*  
– *Eu, querer, sim, te quero da raiz do coração.*  
*mas o que não levo em gosto é que me deites a mão.*  
– *Eu a mão não ta deito, nem ao fato nem no rosto,*





mas dormir ao pé de ti, sim, o levava cá em gosto.  
 – Se o levas em gosto, leva-o lá, por vida tua;  
 esta rosa que aqui está é doutros e não é tua. (II,1507)

– *uma serrana:*

Ó sarrana, ó sarraninha,  
 Ó prima minha, d'álem, d'álem...  
 – Sou, sim, sarraninha, sou,  
 Mas dançar não vou,  
 Não tenho com quem.

Amor, se quiser's dançar,  
 Vai ter ao pomar, qu'eu lá irei ter.  
 -Sou sim, sarraninha sou,  
 Eu dançar não vou,  
 Mas gosto de ver. (II,421)

– *um pastor:*

Estando eu à minha porta, a uma raça de sol,  
 passou aí um cavaleiro co'um cavalo corredore.  
 Perguntou-me se era casada. Casadinha, sou, senhore,  
 Foi o ladrão de meu pai, que me casou co'um pastore.  
 ele já tem as pernas tortas de mudar os cancelões,  
 já tem os ombros secos das correias dos serrões,  
 já tem as costelas cobradas das marradas dos cabrões,  
 já tem os dentes podres de morder os coscurões  
 até já tem cornos na testa, retorcidos como os marões...  
 e a maior falta que tinha: não tinha picha nem colhões. (II,1058)

– *um trabalhador picaresco:*

Sete anos servi um amo, sete i-anos e mais um mês;  
 por bem criados que tenha, ninguém le faz o que l'eu fez:  
 emprenhei-lhe sete filhas e três criadas são dez;  
 a i-ama pariu de mim e o amo valeu-se a pés. (II,1064)

– *uma vendedeira de ovos:*

Ó mulher dos ovos,  
 quanto quer por eles?  
 quero quatro pintos,  
 que é o preço deles. (II,311)

– *no minério:*

Ó minha mãe deixe, deixe,  
 ó minha mãe, deixe-me ire!  
 deixe-me ir para o minério  
 eu vou e torno a vire! (II,212)

– *um mineiro:*

Meu amor é barreireiro,  
 Trabalha na contramina...  
 Quando me virão dizer:  
 'Caíu-lhe a barreira em cima? (Avulsa)

– *um carteiro:*

Tenho carta no correio,  
 Ai, ó Bila Rial!  
 Ai, Jesus, de quem será?!...  
 Ai, ó Bila Rial, ai, ai,  
 O Bila Rial!

Sant'Antonho, não na quero!  
 Ai, ó Bila Rial!  
 S. José, oh, dai-ma cá!  
 Ai, ó Bila Rial, ai, ai,  
 O Bila Rial! (I,558)



## 2.07 Referências à vinha e ao vinho

– *os campos:*

Alegrai-vos, campos verdes,  
Que lá vem a Primavera:  
Já o rei dos passarinhos  
Canta na minha roseira. (Avulsas)

– *amor, lagar e vinho:*

Olha a pomba que fugiu.  
Deixou ficar o seu ninho.  
Foi à beira do lagar  
beber um copo de vinho.

Olha a pomba que já volta,  
do passeio ao lagar,  
muito feliz e contente,  
toda branquinha no ar. (l,481)

– *convite 'fofinho':*

Não te encostes à parreira,  
que a parreira deita pó:  
encosta-te ao meu peitinho,  
sou solteira, vivo só...

Sou solteira, vivo só,  
estou na minha regalia:  
vem, amor, para os meus braços,  
vem prá minha companhia! (l,320)

– *confiar nos homens:*

Subi ao céu por uma vide,  
desci por um cacho de uvas:  
ninguém se fie nos homens  
que são falsos como Judas! (l,553)

– *o fim da vindima:*

Ai, às quatro horas da tarde  
ai, eu estava a bindimare  
ai, chegou ai, a triste notícia:  
a bindima istaba a acabar!

Acabou-se, amor, acabou-se,  
acabou-se a nossa alegria.  
Ai, tanho pai, tanho mãe, tanho tudo,  
ai, só me falta o amor da Maria! (l,62)

– *o trabalho duro:*

Bou noute, meus senhores,  
Bou começar a cantar  
ai, bou noute, meus senhores  
bou começar a cantar.  
pra espaiçer a bindima  
e as ubas que há pra acartar! (l,176)

– *trabalho, uvas, amor..*

Quando chegam as bindimas  
põem-se as trouxas de couro:  
não há nada mais bonito  
do que as bindimas do Douro!

Dói-me a barriga com fome,



*mas não é com fome de ubas:  
é fome dos teus carinhos,  
que tu, amor, me recusas.*

*Ó bideira, dá-me um gacho,  
um gacho bem madurinho:  
ó gacho, ó lindo gacho,  
bais ser pró meu amorzinho!*

Ver mais QUADRAS DO VINHO (I,177)

– *o primeiro pintor:*

*Agora é que pinta o bago  
ai agora é que ando ó pintore;  
agora é que eu bou falare  
ai deberas ao meu amore.  
Trai lai lai lai lai... (I,69)*

*Avó, minha rica avó,  
ai, venha dançar a rabela  
que os moços inda não sabem  
e eu quero aprendê-la.*

*Ó moços de todo Doiro,  
ai, na vindima lá da quinta  
eu a dançar a rabela...  
valia por vinte ou trinta! (I,163)*

– *um vinho bem disposto:*

*Era o vinho, meu Deus, era o vinho,  
Era a coisa que eu mais adorava,  
Só por morte, meu Deus, só por morte,  
Só por morte eu o vinho deixava.*

*Ai, eu hei-de morrer numa adega  
Com o tonel por meu caixão  
Só por morte, meu Deus, só por morte  
É que o copo sai da minha mão.*

*Ai, eu sou folha da videira  
E neta da cepa torta,  
Eu bem sei, eu bem sei, eu bem sei,  
Se bebo de mais já erro a porta!*

*Ai eu gosto de beber vinho,  
Mas dado pela tua mão;  
Deus queira que eu tenha a sorte  
De beber vinho cá da região.*

*Ai, eu gosto de beber vinho  
E de descalçar o sapato.  
Com jeitinho, jeitinho, jeitinho,  
D'vagarinho inda faço um quatro! (I,196)*

*Se eu morrer, amortalhai-me,  
Enterrai-me à beira rio,  
Onde não chova, nem vente,  
Nem geie, nem faça frio.*

*Se eu soubesse que morria,  
Mandava fazer a cova  
Com uma enxada de prata  
No meio da vinha nova. (II,1203)*



*Chora a bideira,  
ó bideirinha, ai!  
chora a bideira,  
ó prima minha, ai!*

*Chora a bideira,  
deixa-a chorare, ai!  
chora a bideira  
pois quer amare, ai!*

*Chora a bideira  
não chora não, ai!  
chora a bideira  
meu coração, ai!* (I,139)

*Ó videira, dá-me um cacho!  
ó cacho, dá-me um baguinho!  
ó cacho,  
ó lindo cacho,  
mesmo por baixo  
do janelinho!* (I,428)

*Ó bideira, dá-me um gacho,  
ó silba, dá-me uma amora,  
amor dá-me o teu retrato,  
quero bê-lo a toda a hora.*

*Q'ando t'eu num conhecia  
nada de ti se me daba,  
sem pensamentos dromia  
sem cuidados acordaba.* (I,429)

*Ó elo da videirinha,  
põe-te a pé, dá-me um abraço:  
eu nunca fiz a ninguém  
carinhos como a ti faço.*

*Carinhos como a ti faço,  
carinhos que a ti te fiz:  
não digas que não me queres,  
pois fui eu que não te quis.* (I,1175)

## **2.08 Referências à natureza**

São abundantes as referências da natureza, como seria de esperar de um género poético-musical circunscrito durante séculos ao ambiente popular rural.

Mas importa imediatamente sublinhar que, como em qualquer discurso poético, muitas dessas referências ultrapassam a sua condição popular e referencial, elevando-se a níveis muito apreciáveis, através do tecido do sistema metafórico e, mesmo, transformando-se em mensagens simbólicas de muito significado e profundidade.

Ver, neste volume, o capítulo III – *Simbologias*.

Por ex. a cantiga seguinte faz menção à virgindade que se perde num voo ‘ao céu’ e nunca mais se poderá recuperar...



– *passarinho de três asas...*

*Passarinho das três asas,  
dá-me uma, quero boare  
quero ir ó céu im bida  
im bindo torno-t'a a dare. (I,45)*

É esse o encanto e, também, o desafio interpretativo que estas simbologias apresentam, na sua imensa e secular intertextualidade oral.

– *o mar e a vida...*

*Ó mar largo, ó mar largo,  
Ó mar largo sem ter fundo!  
Mais bale andar no mar largo  
Do que nas bocas do mundo! (I,384)*

... *e o amor:*

*O mar bem brabo  
olha as ondas a batere  
o mar bem brabo  
meu amor bem bere. (I,385)*

– *amor doente:*

*'Stá o céu ineboado,  
'stá pra chover e não chove!  
'stá o meu amor doente,  
'stá pra morrer... mas não morre!...(II,1205)*

– *o sol e o amor:*

*Num sei que mal fiz ó sole  
que num dá na minha rua;  
hei-de me bestir de preto  
que de branco anda a lua.*

*O meu amor diz que binha  
q'ando a lua biesse;  
a lua já 'colá bem,  
meu amor num aparece. (I,385)*

– *o sol, a lua e o amor:*

*Anda o sol atrás da lua,  
a lua atrás do luare:  
atrás de ti ando eu,  
num consigo t'apanhare. (I,385)*

*Luar branco, luar branco,  
Luar da Lua de Agosto;  
Muito gosto do luar  
Quando bate no teu rosto! (Avulsos)*

– *a neve e o amor:*

*Esta noite caíu neve  
Numa folhinha de couve;  
Oh quem me dera cair  
Nos braços de quem me ouve! (Avulsas)*

– *o desencanto com os Descobrimentos:*

*Portugal é pobre,  
vai pró Brasil  
Se não tem dinheiro,  
como é que há-de ir?*

*Eu hei-de ir, hei-de ir,  
vou pelo mar fora,  
adeus, meu amor,*



*que me vou embora.* (I,484)

– *a amora:*

*Minha amora madurinha,  
Diz-me quem te amadou:  
Foi o sol e a geada  
E o calor que me apanhou.* (I,384)

– *o salgueiro:*

*Salgueiro, por baixo de água,  
Estende a raiz pr'onde quer:  
É com'ó rapaz solteiro,  
Enquanto não tem mulher*

– *a giesta:*

*Minha gesta felorida  
Parece uma tenda armada:  
É com'à moça solteira,  
Enquanto não está casada.* (I,384)

– *a amendoeira:*

*A felor da amendoeira  
É a primeira do ano:  
É só tu, ó meu amor,  
És o primeiro que eu amo.* (I,384)

– *a oliveira:*

*Ó ramo, ó berde ramo  
ó ramo da oliveira  
o meu amor é tão lindo  
ora, que anda na brincadeira.* (I,408)

*A folha da oliveira,  
Em chegando ao lume estala:  
Assim é meu coração  
Quando contigo não fala.* (Avulsas)

*Debaixo da oliveira  
Não se pode namorar.  
Tem a folha miudinha  
Deixa passar o luar."* (Avulsas)

– *o castanheiro:*

*A folha do castanheiro, ó Luisinha,  
Nem tem d'reito nem avesso;  
Até agora não sabia, ó Luisinha,  
Agora já te conheço...* (I,380)

– *as rosas:*

*Se fores ao jardim às rosas  
não cortes a margarida:  
que foi o primeiro amor  
que tu tivestes na vida.*

*Fui lavar ao rio Douro  
escorreguei no sabão,  
abraçei-me a uma rosa  
ficou-me o cheiro na mão...* (II,1206)

*Quem tem rosas à janela,  
À cama lhe vem o cheiro,  
As folhas khe estão caindo  
Nas rendas do travesseiro.* (Avulsas)

– *um raminho de goivos:*



*Toma lá que eu te dou  
este raminho de goivos:  
hoje somos namorados  
e amanhã seremos noivos.* (I,1206)

– *o linho:*

*Oh, quem fosse tão ditoso  
Como o linha que fiais!  
Quem levasse tantos beijos  
Como vós no linho dais!* (Avulsas)

– *laranjas e laranjinhas...*

*Eu tenho uma laranjinha  
Ao canto do meu baú,  
Para dar ao meu amor,  
Oxalá que sejas tu.* (I,216)

*Atirei com uma laranja  
do Passeio Alto ao Cais,  
para ver se me esquecias...  
- cada vez me lembrás mais.* (I,409)

– *... e limão:*

*Trago danro do meu peito  
laranja azeda e limão  
para ter de toda a fruta  
falta-le o teu coração.* (I,443)

– *flores:*

*Ai, eu trago aqui felores  
no laço do avental  
Ai, ai, ai, que me deu um rapaz novo  
ai, ai, ai, na noite do arraial.* (I,217)

– *morangos e lírios:*

*Assubi ao morangueiro,  
Morangos deitei ao chão;  
Não há dinheiro que pague  
A bela honra do coração!*

*Ó lírio, ó lírio,  
Ó lírio, meu bem!* (I,110)

– *o cedro:*

*Assubi ao alto cedro,  
Cheguei ao meio, caí;  
Oh! cedro da minha vida,  
Eu, para morrer, nasci!* (I,110)

– *cravos:*

*Eu fui ao jardim dos cravos,  
Dos bremelhos cortei sete,  
Para dar ao meu amor;  
Quem não quer dar, não promete.* (I,216)

– *cravos e rosas:*

*Daqui para a minha terra  
tudo é caminho chão:  
tudo são cravos e rosas  
despostas por minha mão...* (I,320)

– *a batateira:*

*Pu-lo pé na batateira,  
Fiz tremer o batata!  
Reixenol, repenica o canto,  
Vai cantar ao meu quintal.* (I,488)

– *a hera:*

Que me dera ser a hera,  
Pois era, pois era!  
Pela parede assubia,  
Pois era, pois era,  
Pois era o que eu qu'ria! (I,493)

– *silvas, amoras e raízes:*

Tanta amora, tanta silva,  
Tanta silva, tanta amora,  
Tanta menina bonita  
E meu pai sem uma nora!

E o meu pai sem uma nora,  
E o meu pai nora não tem...  
Como há-de ter a nora,  
Se eu não falo pra ninguém?

Se eu não falo pra ninguém...  
Para quem hei-de eu falar?!...  
E o meu pai tem a mania  
Não me quer deixar casar!

A amora nasce da silva,  
E a silva nasce do chão:  
E o amor nasce da alma,  
Na raiz do coração... (I,554)

– *alcachofras do S. João:*

na noite de São João  
muita pancada apanhei  
por causa das alcachofras  
que ao meu amor deitei! (I,1204)

– *um pinheiro:*

Oh! que pinheiro tão alto!  
Quem lhe há-de chegar à rama?  
É uma menina do Porto,  
Chamada Mariana. (I,441)

– *flores:*

Safatinho de felores  
só no meio escolherei...  
abraça-te a quem quiseres  
que eu também assim farei. (I,515)

Tenho cravos, tenho rosas,  
Manjeriões a nascer;  
E tenho-te tanto amor  
Que não to posso dizer! (Avulsas)

– *mais rosas:*

Quem tem rosas à janela,  
À cama lhe vem o cheiro,  
As folhas lhe estão caindo  
Nas rendas do travesseiro. (Avulsas)

– *a pomba:*

A pomba caiu ao mar,  
a pomba ao mar caiu.  
Nos braços do meu amor  
agarrei a pomba e ela não fugiu. (I,481)

– *a rola:*





*A rola, que vai rolando,  
Onde irá fazê-lo ninho?  
Naquela banda do rio,  
Em cima do rosmarinho.* (Avulsos)

*Tu és alta como a faia,  
Delicada como a linha,  
Tu tens o andar de rola,  
O passear de andorinha!* (Avulsas)

– *um papagaio loiro:*

*Papagaio loiro,  
De bico dourado,  
Leva-me esta carta  
Ao meu namorado.*

*Ele não é frade  
nem homem casado:  
é rapaz solteiro,  
lindo como um cravo!* (I,474)

– *o ujo:*

*Ai larilolela, eu venho da arada,  
Co'uma bota rota e outra remendada.  
Ai larilolela, eu sou como o ujo,  
De dia estou preso, à noite é que fujo.* (II,1207)

– *a borboleta:*

*Olha a borboleta que vai a voar  
é a menina Júlia que se vai casar.*

*Que se vai casar, não quer morrer donzela,  
não quer ir prá cova sem levar alguém com ela.* (I,442)

– *a perdiz:*

*A perdiz anda no monte,  
O perdigão no valado.  
A perdiz anda dizendo:  
- «Anda cá meu namorado...»* (I,53)

– *as pulgas:*

*Eu atrás das pulgas  
e elas a saltar...  
sem te dar beijinhos  
não te posso amar!* (I,112)

– *o rato:*

*Do ratinho malcriado  
vou fazer queixa ao meu pai  
Do ratinho malcriado  
vou queixar-me à minha mãe.*

*Ai, que me rata os folhos todos,  
ai, que me rata, ó i ó ai.  
Ai, que me rata os folhos todos,  
ai que me rata a mim também!* (I,410)

– *os pardais:*

*Ora dizem mal,  
ora dizem mal dos caçadores  
ai por matar  
ai por matarem os pardais.* (I,180)

– *a sardinha:*

*Reparai no meu traajar,*



## GRANDE CANCIONEIRO DO ALTO DOURO

---

*reparai prá canastrinha...  
eu ando de rua em rua  
a apregouar a sardinha.*

*A apregouar a sardinha,  
a apregouar a pescada...  
a vida de uma vareira  
é uma vida amargurada!*

*Moro à beira do mar,  
moro mesmo à beirinha...  
quando acordo, de noite,  
ouço cantar a sardinha.* (I,1205)

– *o pavão:*

*Ó pavão lindo pavão,  
Lindas penas o pavão tem;  
Não há olhos para amar  
Como são os do meu bem.*

*Como são os do meu bem,  
E como os da minha amada,  
Ó pavão, lindo pavão,  
Pavão da pena dobrada.* (Avulsas)

– *referências à água:*

*Das fragas nascem as águas,  
Das águas brotam as fontes;  
As águas curam as mágoas:  
São águas de Trás-os-Montes.* (Avulsas)

*Ó ai, é um regalo na bida  
mas ai, ó pé da auga morare  
Ó ai, quem tem sede bai bubere  
mas ai, quem tem calma bai nadare!* (50)

*Água leba o regadinho,  
água leba o regador...  
enquanto rega e não rega,  
bou falar ao meu amor.* (1,72)

– *a rega:*

*Eu venho de lá de baixo  
de regar o laranjal  
inda aqui trago uma flor  
no laço do avental.* (1,220)

*Ó meu rico regadinho,  
que levas na tua mão?  
Um cacho de uvas do Douro  
que consola o coração!...* (1,502)

– *a fonte e a sede de amor:*

*Eu hei-d'ir ali, além, ó Luisinha,  
Àquela fonte beber;  
Para apagar tanta sede, ó Luisinha,  
Eu por ti 'stou a morrer!* (1,380)



## 2.09 Referências ao amor e casamento

– *o que é o amor:*

*Amor fere, quando fere,  
sem distinguir qualidade:  
fere o pobre, fere o rico,  
o vassalo, a magestade.*

*O passarinho do bosque  
busca algum de sua cor:  
mostra em tudo a natureza  
a doce união do amor. (II,1161)*

*Rapariga, se casares,  
toma conselho primeiro:  
mais vale um rapaz sem nada,  
do que um velho com dinheiro! (II,1161)*

*O meu oração do teu  
É bem ruim de apartar,  
É como a alma do corpo  
Quando Deus a vem buscar. (Avulsas)*

– *tratar por tu:*

*O - A – é a primeira letra,  
Que se estuda no Abcê;  
Quem ama por tu se trata  
E não por vossemecê. (Avulsas)*

– *a honra (virgindade):*

*Não há dinheiro que pague  
A bela honra do coração!*

*Ó lírio, ó lírio,  
Ó lírio, meu bem! (I,110)*

*Ó Rosa, tu estás queixosa,  
Acho que não tens razão;  
Eu já te achei desfolhada  
Não te tirei o botão.*

*Eu fui cortar uma rosa,  
E piquei-me c'os espinhos:  
É bem tolo, e parvo é  
Quem com rosas tem brinquinhos.*

*A felor de rosmarinho  
É a primeira do ano;  
Também vós, minha menina,  
Sois a primeira que eu amo. (Avulsas)*

*O amor e o respeito  
Não fazem boa união:  
Quando o amor diz que sim  
O respeito diz que não... (Avulsas)*

– *a esperança:*

*Coração não vivas triste,  
Vive alegre se poderes,  
Que algum dia será teu  
O que tu agora queres.*



## GRANDE CANCIONEIRO DO ALTO DOURO

---

*Todos às palminhas! Palmas!  
Meu amor dá cá a mão,  
E ouvirás as pancadinhas  
Que dá o meu coração... (I,323)*

*A cor do verde é esperança,  
Esperança tenho em Deus  
De um dia ver os meus braços  
Entrelaçados nos teus. (Avulsas)*

– *um dedo que adivinha...*

*Tenho um dedo que adivinha,  
Um dedo que me diz tudo;  
Perguntei-lhe se me amava,  
Mas o ladrão ficou mudo... (Avulsas)*

– *as raparigas bonitas:*

*Toda a moça que é bonita  
não havia de nascer!  
é como péra madura:  
todos a querem comer!*

*Minha terra, minha terra,  
minha terra não a nego:  
minha terra é Sedielos  
onde os meus olhos navego! (II,1210)*

– *esbeltas, elegantes:*

*Tu és alta como a faia,  
Delicada como a linha,  
Tu tens o andar de rola,  
O passear de andorinha! (Avulsas)*

– *o primeiro amor:*

*Se fores ao jardim às rosas  
não cortes a margarida:  
que foi o primeiro amor  
que tu tivestes na vida! (II,1214)*

– *amar dia e noite:*

*Trago o sentido perdido  
Desde o dia em que te vi:  
Se durmo, sonho contigo,  
Se acordo, só penso em ti.*

*Apalpei meu lado esquerdo,  
Não achei meu coração,  
De repente me lembrei  
Que estava na tua mão. (Avulsas)*

– *Segredo:*

*Aperta-me a minha mão,  
Que é um sinal encoberto:  
Antes que o mundo murmure  
Ninguém o sabe decerto. (Avulsas)*

*Quem me dera ser fonte  
onde tu lá vais beber,  
para teus lábios beijar  
sem que ficasses a saber. (Avulsas)*

*Meu coração é um cofre  
onde guarda os teus desejos,  
minha boca a fechadura*



*a chave são os teus beijos.* (Avulsas)

– *retrato para as dúvidas:*

*Ó bideira, dá-me um gacho,  
ó silba, dá-me uma amora,  
amor dá-me o teu retrato,  
quero bê-lo a toda a hora.*

*Q'ando t'eu num conhecia  
nada de ti se me daba,  
sem pensamentos dromia  
sem cuidados acordaba.*

*Sabe Deus d'hoije a um ano  
onde estará o meu corpo:  
ó 'stará nesses teus braços  
ó na sepultura morto.*

*S'eu intrasse no teu peito  
sabi'ó teu int'riore  
assim como lá num entro  
num sei se me tens amore...*

a) *abraços:*

*Dá-me um abracinho  
Bem apertado...  
Pra apagar soidades,  
Não é pecado.*

*Um abraço é pouco,  
Dois é conta certa...  
Ora, dá cá outro,  
Meu amor, aperta... (1,240)*

*Dá-me um abracinho,  
Meu amor, aperta!  
Dá-me cá mais um,  
Pra ser conta certa. (1,240)*

– *beijos:*

*Os pratos da prateleira  
Só fazem telim telim...  
Ai, assim faz o meu amor  
Quando está ao pé de mim. (1,312)*

*Indo pro aqui pra baixo,  
ai, a tocar numa zabumba,  
encontrei o meu amor:  
dei-lhe beijos, tumba, tumba!*

*Dei-lhe beijos, tumba, tumba!  
palminhas, olaré, zás, trás!  
as moças já não te querem,  
ó desgraçado rapaz!*

*Ó desgraçado rapaz,  
ai, ó infeliz criatura!  
As moças já não te querem,  
aceita quem te procura! (1,244)*

*Os pombinhos, quando nascem,  
Põem-se logo aos beijinhos:*



# GRANDE CANCIONEIRO DO ALTO DOURO

---

*Assim são os namorados  
Quando se encontram sozinhos!* (II,1225)

*Tenho sede, amor, dá-me água,  
Não ma dês pela tijela,  
Dá-ma pela tua boca,  
Que eu não tenho nojo dela!* (Avulsas)

– *ciúmes:*

*O meu amorzinho  
já por cá não vem:  
isto são coisinhas  
que lhe diz alguém...* (1,394)

– *sofrimento:*

*Largos dias tem cem anos,  
Meu amor deixa-te estar:  
Inda te hás-de arrepender,  
Sem te valer o chorar!* (II,1180)

*Os meus olhos, de chorar,  
Já nem uma graça têm:  
Tenho dito aos meus olhos  
Que não chorem por ninguém!*... (1,66)

*Quem me dera ser lágrima  
para nos teus olhos nascer,  
rolar pela tua face  
e nos teus lábios morrer.* (Avulsas)

– *Sslidão:*

*Triste sou, triste me vejo  
Sem a tua companhia,  
Tão triste, que nem me lembro  
Se alegre fui algum dia.* (Avulsas)

*Quem me dera a mim ser bruxa,  
Feiticeira nesta hora;  
Quem me dera adivinhar,  
Onde o meu amor está agora!* (Avulsas)

– *promessas:*

*O meu amor diz que vinha, ó Luisinha,  
Diz que vinha e não veu;  
Se não havia de vir, ó Luisinha,  
Para que me prometeu?! (1,380)*

– *descontentamento:*

*O meu amor está no adro  
com um cravo branco ao peito:  
está-me a dar os entenderes  
que não anda satisfeito...*

*Que não anda satisfeito,  
meu amor é sempre assim:  
quem me dera ao pé dele  
ou ele ao pé de mim!* (1,388)

*No tempo que eu te amei  
Melhor fora estar doente;  
Tempo tão mal empregado  
E dado de tão boa mente!* (Avulsas)

*O meu amor me deixou*



*Cuidando que eu chorava.  
Nunca foi costume eu chorar  
Por alguém que me deixava*

*Tu dizes que não me queres,  
E eu sei que não te mereço.  
Ainda espero romper  
Pano de mais alto preço.* (Avulsas)

*Eu quando nasci chorava,  
Chorava por ter nascido  
Parece que adivinhava  
A sorte que tenho tido!"* (Avulsas)

*Anel de sete pedrinhas  
Salta fora do meu dedo,  
Foste tu o causador  
D'eu tomar amor tão cedo.*

*Hei-de cantar e hei-de rir  
Hei-de rir e hei-de cantar  
A mim ninguém me morreu  
Não tenho por quem chorar!...* (Avulsas)

– *arrufo*:

*Eu hei-de ir, eu hei-de vir,  
ah! Fala não ta hei-de dári,  
Hei-de-te fazer moeri, ah!  
Com às areias do mári.* (1,240)

*Lágrimas são cantarinhas  
com que se regam os cravos:  
em bom tempo me deixaste:  
fiquei livre de cuidados.* (1,252)

*Lágrimas são cantarinhas  
com que se regam as flores...  
ao tempo que me deixastes  
não me faltaram amores!*

*Não me faltaram amores,  
não me faltaram, não, não,  
ao tempo que me deixastes,  
amor do meu coração!* (1,252)

*Eu hei-de amar, amar,  
eu hei-de te amar a rir:  
mas hei-de te amar de dia  
que à noite quero dormir!* (11,1225)

*Quem tiver um chapéu velho,  
Por amor de Deus mo venda,  
Porque eu ando d'amores novos,  
Quero-lhe dar uma prenda.* (1,409)

*Eu dantes para te ver  
saltava montes e "vais"  
agora para te não ver  
salto ainda muito mais.* (Avulsas)

– *ameaças 'duras'*:

*Ai, eu hei-de me ir e deixar-te*



Como a água deixa a fonte:  
Ai, hei-de deixar-te, menina,  
Ao desemparo, no monte. (1,389)

– fim do namoro:

Se eu te tornar a falar,  
Eu seja da cor do gás...  
Tu tens munta rapariga  
E eu tenho munto rapaz.

Se eu te tornar a falar,  
Eu seja da cor do linho...  
Há munto rapaz solteiro,  
Não cuides que és tu sozinho. (1,76)

Já não há tinta nas lojas,  
nem papel na livraria,  
para escrever uma carta,  
ao meu amor de algum dia,

Ó meu amor de algum dia,  
olha que já cá estivestes:  
se não 'stivestes mais tempo,  
foi porque tu não quisestes.

Foi porque tu não quisestes,  
perdestes a ocasião:  
agora queres e eu não quero,  
tenho a minha prejunção. (1,246)

Josezito, já te tenho dito  
que não é bonito  
andar's-me a enganar!  
Ora chora, Josezito chora,  
que me vou embora  
pra não mais voltar! (1,248)

– separação com troca:

Já num há quem saiba amare  
só tu minha linda rosa  
par'cias tão seriazinha  
saístes tão inganosa. (1,195)

Julgavas que eu te queria,  
meu barbas de peneireiro?  
antes queria matar-me  
ou atirar-me ao ribeiro!

Julgavas que te queria,  
já te andavas a gabar:  
vai à mãe que te dê leite,  
que te acabe de criar!

Não te quero, não te quero,  
mesmo na cara to digo:  
minha mãe não me criou  
para me casar contigo!

Anda lá para diante,  
eu atrás de ti não vou:  
não me pede o coração  
amar a quem me deixou! (1,160)





*Eu amava-te, ó menina,  
Se não fora um só senão:  
Seres pia de água benta,  
Onde todos põem a mão... (Avulsas)*

– *anel rejeitado:*

*O anel que tu me deste  
Não o dei nem o vendi:  
Deitei-o da ponte abaixo  
O mesmo faria a ti!... (I,344)*

– *parece a sério:*

*O meu amor inda cuida,  
Cuida que eu que ainda o amo...  
Ai, ai, ai, agora já não o quero,  
Ai, ai, ai, e já o interguei ò demo. (I,276)*

*Algum dia nesta rua  
Tinha eu com quem falar,  
Agora passo por ela  
Como o pardal a voar. (Avulsas)*

– *rapariga ‘enganada’ e ‘prenha’:*

*Carminda era linda, e de família nobre  
mas mais lhe valia ser filha de pobre,  
o noivo desprezava-a por ela estrar prenhã  
e também o povo cruel a desdenha.  
Quando os pais souberam foi expulsa do lar  
andou pela rua arrastada, a chorar.  
E foi a madrinha que lá lhe valeu  
e em sua casa ela a recolheu.  
Mas Carminda era mulher infeliz  
a a sua sorte malvada maldiz...  
Escreveu uma carta ao Rogério, seu noivo  
para poder calar as línguas do povo:  
lembrou-lhe as palavras e as juras que ouviu,  
mas esse malandro ainda se riu  
– Juramentos de homens sempre foram vãos  
fica com o filho, eu lavo as minhas mãos!  
– Onde vais, Carminda, Carminda, Carmela,  
De sapato branco e meia amarela?  
Onde vais Carminda, de arma na mão?  
pára de correr, deita a arma ao chão!  
...Com aquela arma o noivo matou  
e logo depois também se suicidou!... (II,1038)*

– *ousadias e ironias acerca do amor, dos rapazes e das raparigas:*

*Quem tives amores não dorme,  
Nem de noite nem de dia:  
Dá tantas voltas na cama  
Como o peixe na água fria!*

*Eu cá sou um bom rapaz,  
E mesmo nada inter'sseiro:  
Da moça quero eu amor  
E do pai quero o dinheiro.*

*Quando é dia, brilha o sol,  
De noite alumia a lua;  
Quando o sol brilhar de noite,  
Podes crer que serei tua.*



*O amor dos homens  
É como o fermento:  
Ao fim de oito dias  
Já está bolorento.*

*Candeeiro de três luzes,  
Alumia quatro cantos;  
Mal empregada menina  
Ser namorada de tantos!*

*Cada vez que eu considero, (considerar é interrogar os astros=sidera)  
Digo mal à minha vida:  
Tenho roupa, tenho cama...  
Só me falta a rapariga.*

*Eu queria-me casar,  
Mas não tenho quem me queira;  
Se tinha de ser domingo,  
Ficou pra dia de feira.*

*O meu amor é dos altos,  
Hei-de mandá-lo serrar:  
Fica-me um amor bem feito  
E lenha para eu queimar.*

*Vai-te embora, homem casado,  
Vai para a tua mulher;  
Se morres, vais pró inferno,  
Nem o diabo te quer!*

*É custoso de estudar  
O coração da mulher:  
Até Deus, que tudo sabe,  
E não sabe o que ela quer! (Avulsos)*

– *namoro:*

*Oh ! quem me dera um valverde,  
Ond'a água sobe e desce!  
Oh ! quem me dera um amor,  
Onde ninguém no soubesse!*

*Adeus, ó Laurinda,  
O Laurinda, adeus, adeus!  
Adeus, ó Laurinda,  
Os teus olhos já são meus. (1,65)*

*O coração não se vende,  
É prenda de alto valor:  
Nem se vende, nem se dá:  
Troca-se só por amor..*

*Em qualquer pocinha de água  
Bebe a cobra e nada o peixe;  
Por mil enredos que hajam  
Nunca penses que te deixe!*

*Minha mãe me chamou Rosa,  
Minha sina é desgraçada:  
Pois não há nenhuma rosa  
Que não morra desfolhada!*



*Todo o lugar é jardim  
Onde os suspiros se dão:  
Quer seja no povoado,  
Quer seja na solidão!* (I,1180)

– *olhos:*

*Ai, aqui dentro desta sala,  
Em cima desta ladeira  
Tantos olhinhos que eu vejo,  
Só os teus me dão canseira!...*

*Ai, só os teus me dão canseira ,  
Jurei sempre de te amar...  
Ingrata seria eu,  
Se ao juramento faltar.*

*Ai, vou-me a dar a despedida,  
Por hoje não canto mais,  
Tenho a ceia a fazer  
De rouxinóis e pardais... (I,326)*

*Manuel, Manuel, Manuel,  
Manuel, adeus, adeus!  
Nesta terra não passeiam  
olhinhos iguais aos teus!*

*Nesta terra não passeiam,  
nem cá hão-de passear!  
Manuel, adeus, adeus,  
vai prá vida militar!* (I,275)

– *olhos verdes:*

*Os teus olhos, ó Laurinda,  
São verdes, côr de limão ;  
Quero-te tanto, ó Laurinda,  
Trago-te no coração!* (I,65)

– *olhos bons e menos bons:*

*Os olhos pretos são falsos,  
os azuis são lisonjeiros,  
os olhos acastanhados  
são sempre mais verdadeiros!* (II,1204)

– *cabelos:*

*Esses teus lindos cabelos,  
Soltos, entregues ao vento,  
A todos dão alívio,  
Só a mim tanto tormento.* (Avulsas)

*Três coisas pedi a Deus  
el' nenhuma quis me dare:  
– ser bonita, ter cabelo,  
e boa voz pra cantare!* (II,1212)

– *sedução:*

*Lá vai uma, lá vão duas,  
três pombinhas a voar...  
Uma é minha, outra é tua,  
outra é de quem na apanhar... (I,250)*

*Eu tenho uma laranjinha  
Ao canto do meu baú,*



## GRANDE CANCIONEIRO DO ALTO DOURO

---

*Para dar ao meu amor,  
Oxalá que sejas tu.*

*Eu fui ao jardim dos cravos,  
Dos bremelhos cortei sete,  
Para dar ao meu amor;  
Quem não quer dar, não promete. (I,216)*

*Toma lá que eu te dou  
este raminho de goivos:  
hoje somos namorados  
e amanhã seremos noivos. (II,1215)*

*Anda cá, ó cara linda,  
Um dia hás-de ser minha!  
És a cara mais bonita,  
Minha linda Trigueirinha! (II,1213)*

– *a rua:*

*À tua porta, menina,  
Stá um fio de algodão:  
Todos passam, não de prendem,  
Só eu fiquei na prisão! (Avulsas)*

*Quando vou a tua rua,  
É não vejo o meu amor,  
É como se fora ao céu,  
Sem ver a Nosso Senhor. (Avulsas)*

*Menina, que está à janela,  
Com a sua mão no rosto,  
Quem me dera ser a causa  
Das penas do seu desgosto! (Avulsas)*

*Esta noite, à meia-noite,  
Ouvi cantar e chorei:  
Cuidei que era o meu amor...  
Ai, Jesus, que me enganei!*

*Quero cantar, mas não posso,  
Falta-me a respiração,  
Falta-me a luz dos teus olhos,  
Amor do meu coração! (Avulsas)*

– *ciúmes:*

*O meu amorzinho  
já por cá não vem:  
isto são coisinhas  
que lhe diz alguém... (I,394)*

*Ó coração, que dois amas,  
Contigo tenho má fé:  
Eu não queo amor partido,  
Pois o meu inteiro é. (Avulsas)*

– *orgulho de ser amada:*

*O meu amor é ouríves  
e eu sou o seu tesouro:  
inda há pouco que o amo  
já me deu um anel de ouro! (I,293)*

– *ousadia (o homem é casado...):*

*Resineiro, resineiro,*



*engraçado no falare  
eu hei-de ir à terra dele,  
se ele me lá quiser levare.*

*Resineiro é bonito,  
é casado e tem mulhere  
eu hei-de ir à terra dele  
q'antas bezes eu quisere! (l.505)*

– *declaração:*

*Ó meu amor não me deixes, ai,  
Não saias da minha beira:  
Eu quero casar contigo, ai,  
Não quero ficar solteira.*

*Eu gosto de ti, tu de mim não gostas,  
Eu olho p'ra ti, tu viras-me as costas.*

*O meu amor é padeiro, ai,  
Traz a cara enfarinhada:  
Seus beijos sabem a pão, ai,  
Não quero comer mais nada...*

*O meu amor é tão lindo, ai,  
Ganhei-o na romaria;  
Dei-lhe logo o coração, ai,  
Pois disse que me queria. (l.207)*

*Menina, case comigo,  
num tanta medo da fome:  
o meu pai tem uma quinta  
que mantém a quem num come.*

*Menina, num se namore  
dum rapaz que é militar:  
toca a caixa, bai-se imhora,  
menina fica a chorare!*

*Menina, se sabe lere,  
leia-me o seu coração:  
dentro dele há-de achare  
se lhe quero bem ó não. (l.289)*

*Sinto amor que te quero  
em ti estou sempre a pensar,  
é por ti que sempre espero  
não me canso de esperar.*

*Amar-te-ei eternamente  
se eterna poder ser,  
mas como não sou eterna  
amar-te-ei até morrer.*

*Não há rosas sem espinhos  
nem espinhos sem picar,  
não há amor sem ciumes  
nem ciumes sem amar.*

*Eu digo que te esqueci  
mas não creias no que digo,  
de dia só penso em ti  
de noite sonho contigo. (Avulsas)*



– a alegria da conquista:

Meu amor,  
enganador,  
Já cá canta,  
olariolé!

Ah! ah! ah!  
eh! eh! eh!... (l,294)

– um amor para além da morte:

Se te amo tenho guerra,  
se te deixo tenho dor,  
terei guerra toda a vida,  
deixar-te nunca meu amor.

As flores murcham,  
o sol desaparece,  
só o meu coração  
o teu nome não esquece.

Quem me dera ser lágrima  
para nos teus olhos nasce,  
rolar pelas tuas faces  
e nos teus lábios morrer.

A linda palavra amor  
da boca sempre a sair,  
muitos a sabem dizer  
poucos a sabem sentir.

Quem me dera adivinhar  
onde meu amor está agora,  
está perto de quem o vê,  
e longe de quem o adora.

Se um beijo é veneno  
e morre quer for beijado,  
eu também tenho desejo  
de morrer envenenado. (Avulsas)

(...)Ai eu juro e bato o pé  
Que o hei-de amar até morrer.

Hei-de o amar até à morte  
E até depois de morrer...  
Ai, até dubaixo da terra  
Meu amor, podendo ser! (l,312)

(...)se eu morrer e tu ficares  
tira, amor, o meu retrato.

Tira amor o meu retrato  
na palma da tua mão:  
peço que te num esqueças  
da raiz do coração. (l,237)

– morte de amor:

Começaram de crianças na escola a namorar;  
Ao chegar aos onze anos tratou de enganar.  
Seu pai, desde que o soube, que a tinham enganado,  
Mandou prender Manuel pela polícia acompanhado.



*Dali partiu para o Porto descalcinho sem chapéu  
Pedindo a Nossa Senhora que o levasse para o céu.  
Era mai-noite em ponto, Isaura estava chorar;  
Pelas grades da cadeia por Manuel foi chamar  
– O Manuel, ó meu anjo, tu já não me queres falar;  
Os dias da nossa vida são poucos, vão acabar  
– Vai-te embora, ó Isaurinha, que já vai amanhecer,  
Que pode vir a polícia, ainda mais me faz sofrer.  
Isaurinha foi p'ra casa, no seu quarto se fechou;  
Manuel tinha um punhal, logo com ele se matou.  
Isaura, desde que o soube, que Manuel se matou,  
Deitou-se da janela abaixo, despedaçada ali ficou.  
O enterro foi tão triste, toda a gente ia a chorar;  
Os caixões eram irmãos e as campas de par a par.  
No meio das duas campas, duas rosas a brilhar,  
Que, quando lhe dava o vento, as rosas s'iam beijar.  
Mal haja tanto querer, mal haja tanto amar:  
Nem de vida nem de morte se puderam apartar. (II,1060)*

– *encontro na fonte:*

*Minha mãe mandou-me à fonte  
pela hora do calor;  
eu quebrei a cantarinha  
ao falar c'o meu amor.*

*Minha mãe mandou-me à fonte  
com sapatos de algodão  
eu quebrei a cantarinha  
ao falar com o João.*

*Minha mãe mandou-me à fonte  
com sapatos de cetim,  
eu quebrei a cantarinha  
ao falar c'o Joaquim.*

*Minha mãe mandou-me à fonte  
à fonte do salgueirinho,  
mandou-me lavar a pota  
com felor de rosmaninho.*

*Minha mãe mandou-me à fonte  
à fonte do salgueirinho,  
ao esfregá-la com areia,  
eu quebrei-lhe um bocadinho.*

*Ó minha mãe, não me ralhe,  
que eu inda sou pequenina:  
eu hei-de ir ganhar dinheiro  
para outra cantarinha! (I,124)*

– *encontro no rio, mas...*

*Se fores ó rio labare  
laba na pedra do meio  
a pedra deita felores  
apanha-as, deita-as pró seio.*

*Passarinho das três asas,  
dá-me uma, quero boare  
quero ir ó céu im bida  
im bindo torno-t'a a dare.*

*Ó meu amor, se tu queres*



## GRANDE CANCIONEIRO DO ALTO DOURO

---

*a tua roupa labada,  
bai pagar à labadeira,  
que eu num sou tua criada!* (1,526)

– *noivos:*

*Caridinha, meu amor, caridinha,  
Caridinha, meu amor, caridosa...  
hei-de amar a caridinha,  
oh, cara tão linda!  
oh, botão de rosa!*

*Eu amo todo o teu sere  
toda a tua branquidão,  
e ainda mais os teus olhos  
que tão fagueirinhos são...  
quando olho para eles  
ficam-me no coração!*

*Ó rosa, quando te abrires,  
abre-te na minha mão,  
porque, se abrires na mão d'outro,  
ó serás minha ó não!...  
Hei-de te pôr no meu peito  
fechada no coração!* (1,130)

*O menino José  
já se vai casar  
a menina Ana  
vai ser o seu par.*

*Vai ser o seu par,  
vai ser a sua dama:  
a menina Rita  
vai lhe fazer a cama.*

*Vai lhe fazer a cama,  
faça-a benfeitinha;  
a menina Rute  
vai ser a madrinha.*

*Ora vivam os noivos  
que se vão casar!...*(1,464)

– *andar na fama:*

*Ó amendoeira,  
qu' é dela, a tua rama?  
por causa de ti  
já ando na fama.*

*Já ando na fama ?  
deixá-lo andar!  
com água de rosas  
me hei-de eu lavar.*

*Me hei-de lavar,  
ó verde! ó limão!  
cantar é que sim,  
chorar é que não!* (1,338)

– *com recato:*

*Não me ponha o pé na saia,  
De longe diga o que quer;*





*Você não perde, qu'é homem,  
Perco eu, que sou mulher.* (1,316)

– *bocas do mundo:*

*Calar as bocas ó mundo,  
Pois era, pois era!  
Descansar meu coração,  
Pois era, pois era,  
Pois era o que eu qu'ria!* (1,433)

– *prendas:*

*O meu amor é ourives  
e eu sou o seu tesouro:  
ó i ó ai,  
inda há pouco que o amo  
já me deu um anel de ouro!* (1,293)

*Resineiro de Leiria  
da camisola amarela  
onde é que ela foi ganhada?  
foi no adro da capela.* (1,505)

*Eu venho da romaria  
Da Senhora da Alcachopa,  
Agora venho santinho,  
Dá-me um beijo, ó cachopa!*

*Por prenda de romaria  
Uma cruz de oiro quiseste,  
Dei-te a minha alma, Maria,  
Mas nunca ao peito a trouxeste.*

*Não te dei cravo nem rosa,  
Dei-te um lencinho bordado:  
Numa ponta tinha a lua,  
E na outra o sol pintado.* (Avulsas)

– *esta não precisa de prendas:*

*Tenho brincos, tenho anéis,  
ando bem aparatada...  
eu, por ora, não preciso  
que o amor me deia nada!*

*Que o amor me deia nada,  
que o amor me deia, não...  
eu agora não preciso  
de nada da tua mão!...* (1,1209)

– *um piano e uma 'máquina prá questura':*

*Ó Cassilda, ó Cassildinha,  
esta vida pouco dura:  
hei-de comprar-te um piano  
e a máquina prá questura.*

*A máquina prá questura,  
um gancho prá loira trança...  
aceita, amor da minha alma,  
esta pequena lembrança!*

*Esta pequena lembrança,  
esta pequena amizade,  
aceita, amor da minha vida,  
se for da tua vontade.*



## GRANDE CANCIONEIRO DO ALTO DOURO

---

*Se for da tua vontade,  
assim como é da minha:  
era bom que se ajuntasse  
o relão com a farinha.*

*O relão com a farinha,  
a farinha c'o relão...  
era bom que se mantesse  
este nosso coração!...(1,134)*

– *prendas dela:*

*O meu amorzinho  
diz que tem, que tem  
quatro mil cruzados:  
não tem um vintém!*

*O meu amorzinho  
anda mal comigo  
por lhe não pagar  
cinco réis de trigo.*

*Cinco réis de trigo  
não lhe vou pagar:  
se anda mal comigo  
deixá-lo andar!*

*O meu amorzinho  
anda mal contente  
por lhe não pagar  
dez réis de aguardente. (1,117)*

– *ironia:*

*Eu hei-de te amar, amar,  
eu hei-de te amar a rir;  
mas hei-de te amar de dia,  
que à noite quero dormir. (1,1225)*

*O anel que tu me deste  
Não o dei nem o vendi:  
Deitei-o da ponte abaixo  
O mesmo faria a ti!...(1,344)*

– *casar e não casar:*

*- Eu queria-me casar,  
P'ra solteira não morrer.  
- Depois de me ver casada,  
Qu'alegria posso ter?!*

*- Solteirinha, não te cases,  
Goza-te da boa vida,  
Qu'eu bem sei duma casada  
Que chora d'arrependida...!(1,214)*

– *qualidades da mulher:*

*Ó amor, procura agrado,  
Não procures formosura:  
Que uma mulher sem agrado  
É pior que a noite escura! (1,1206)*

– *depois de casados:*

*Casadinha de há três dias  
Ela ali vai a chorar  
Pela vida de solteira*



*Que não torna a encontrar...*(II,1206)

Mais símbolos:

– *rurais-passarinhos*:

*Ai, que lindo passarinho  
canta na tua janela...  
alegrai-vos, camponesas,  
que já vem a Primavera!*

*Já lá vem a Primavera  
toda cheia de felores!  
Alegrai-vos, raparigas,  
que lá vêm vossos amores!*

*Que passarinho é aquele  
que no ar faz ameaça?  
Com o bico, pede um beijo,  
com as asas, um abraço...*

*Ó arvoredo fichado,  
onde cantam passarinhos!  
A quem destes os abraços  
dá-lhe também os beijinhos!...*

*Já os passarinhos cantam,  
cantam à minha janela...  
Alegrai-vos, raparigas,  
que lá vem a Primavera!* (I,1126)

– *amor, erotismo-passarinhos*:

*Passarinho das três asas,  
dá-me uma, quero boare  
quero ir ó céu im bida  
im bindo torno-t'a a dare.* (I,526)

*Minha mãe mandou-me à fonte  
pela hora do calor;  
eu quebrei a cantarinha  
ao falar c'o meu amor.*

*com sapatos de algodão  
ao falar com o João.  
com sapatos de cetim,  
ao falar c'o Joaquim.  
à fonte do salgueirinho,  
mandou-me lavar a pota  
com felor de rosmaninho.*

*à fonte do salgueirinho,  
ao esfregá-la com areia,  
eu quebrei-lhe um bocadinho.* (I,124)

*Esse teu peito, menina,  
É um casal de pombinhas;  
Deixa-me ir lá com a mão  
Para ver se têm asinhas.* (Avulsas)

*Ó Rosa, ó minha Rosa,  
Deus te faça uma santinha,  
Os anjos do céu te tragam  
Da tua cama prá minha.*



*Eu hei-de ir à tua rua,  
Saltar à tua janela,  
Para ver a tua cama,  
Se cabemos ambos nela.*

*Fiz a cama na amoreira,  
A travesseira no chão;  
A cama sem rapariga  
É como o caldo sem pão!*

*Ó luar da meia-noite,  
Não venhas cá ao serão:  
Que isto de quem tem amores  
Quer escuro e luar não.* (Avulsas)

*Acipreste, verde triste,  
Quando hás-de ser alegre?  
Esse seu corpinho, menina,  
Quando me há-de ser entregue?* (Avulsas)

*Ó quem fora como o sol,  
Que entra pela janela;  
Que te fora ver à cama,  
Meu ramo de primavera.* (Avulsas)

*Se queres comigo bailar  
Menina, fá-lo com jeito,  
Eu bem queria apertar  
Os balões que tens no peito!* (Avulsas)

– *anel:*

*Fui no mundo uma infeliz,  
Ai, cheia d' infelicidade!  
O anel que tu me destes  
Foi uma pura amizade.*

*Foi uma pura amizade  
Se será do coração...  
Dá-me a tua igualidade,  
Pega, amor, a minha mão.* (I,345)

## 2.12 Referências satíricas

– *a sogra:*

*Hoje em dia, a tua rua  
nem um só retiro tem...  
queria falar-te, menina,  
e não posso, co' a tua mãe...* (II,1160)

*Minha sogra tem mau gosto  
Gosta de chita amarela  
Ela não gosta de mim  
Gosto eu da filha dela.* (Avulsas)

– *sátira aos homens em geral:*

*Subi ao céu por uma vide,  
desci por um cacho de uvas:  
ninguém se fie nos homens  
que são falsos como Judas!*

*Semeei arroz no mar*



*só me nasceu uma leira:  
quando nasceram nos homens  
nasceu fraca sementeira!* (I,553)

*A minha cana verde,  
Não havia madura;  
Ao homem depois de casar  
Nem o diabo o atura.* (Avulsas)

*a) sátira às raparigas/rapazes:*

*Se eu lavasse uma camisa  
Cá de certas raparigas,  
Iria pô-la a corar  
Sobre uma rama de ortigas!* (II,1152)

*O meu amor inda pensa,  
Cuida que eu que o adoro;  
Cuida que eu choro por ele,  
Sabe Deus por quem eu choro!* (I, 319)

*Cala-te, meu papa-açorda,  
Meu alimpa gamelões;  
Já te foram convidar  
Pró refugo dos leitões.* (Avulsa)

*Venha papel, venha tinta,  
venha tamém o scribão!  
Eu quero deixar escrito  
os trastes que as mulheres são!...* (I,220)

*Venha papel, venha tinta, venha também escrivão;  
eu quero deixar por letra o pago que as mulheres dão.* (II,950)

*A azeitona miudinha  
Apanhada uma a uma,  
Estes mocinhos agora,  
Não têm vergonha nenhuma.*

*Estes mocinhos d'agora,  
Estes que d'agora são,  
Trazem relógio ao peito  
E não sabem que horas são.* (Avulsas)

*Sete e sete são catorze  
Com mais sete, vinte e um  
Tenho sete namorados  
E não gosto de nenhum.* (Avulsas)

*– problemas, temores e críticas:*

*Ao passar por este sítio,  
Não te ponhas tão corada:  
Este sítio não tem língua,  
A ninguém contará nada!*

*O diabo leve os homens  
Menos três que eu conheço:  
O meu pai, o meu padrinho  
E o amor por quem padeço.*

*Se eu lavasse uma camisa  
Cá de certas raparigas,  
Iria pô-la a corar  
Sobre uma rama de ortigas!* (1152)



*Chamastes ao meu cabelo  
Fiadoiro mal torcido!  
Eu qu'hei-de chamar ao teu, ó Ana?!  
Cordas que me tem prendido!*

*Se fores ao cemitério  
No dia do meu enterro,  
Diz à terra que não coma, ó Ana,  
As tranças do meu cabelo. (II,950)*

– *más-línguas:*

*Pensavas, por me deixares,  
que eu cortava o meu cabelo,  
ai, cada vez mais penteado,  
ai, por cima laço vermelho!*

*Esta noite há-de chover  
uma água miudinha:  
ai, eu hei-de-me livrar dela  
ai, em tua casa, menina!*

*A salsa da minha horta  
arrebenta pelo pé:  
ai, assim arrebente a língua  
ai, a quem diz o que não é! (I,203)*

– *faladeiras:*

*Falai de mim, faladeiras,  
Já o tendes de questume...  
Queimada bos seja a língua  
Numa fogueira de lume!*

*Fostes falar mal de mim  
Ao rapaz que me namora...  
Se inté qui me q'ria bem,  
Inda mais me quer agora!*

*Pensabas, em me ber rir,  
Que já me tinhas na mão...  
Eu não sou tão rabaceira,  
Que apanho a fruta do chão! (I,235)*

– *ciganos:*

*(...)lá vai o cigano preso  
sem roubar nada a ninguém!*

*Sem roubar nada a ninguém,  
sem roubar coisa nenhuma:  
foi por achar uma corda,  
na ponta tinha uma mula.*

*Na ponta tinha uma mula,  
a mula puxava o trem:  
lá vai o cigano preso  
sem roubar nada a ninguém! (I,151)*

– *ai, o vinho:*

*Era o vinho, meu Deus, era o vinho,  
Era a coisa que eu mais adorava,  
Só por morte, meu Deus, só por morte,  
Só por morte eu o vinho deixava. (I,196)*



– *vasilhas por que todos bebem:*

Rapazes, meninos,  
fazem desatinos  
e bebem os vinhos  
na venda, senhora!

Nizas e casacas,  
capas e capotes,  
bebem aos potes  
na venda, senhora!

Também o Vigário  
com o seu canto-chão,  
beb' p'lo cangirão  
na venda, senhora!

Também os Antónios,  
que são capitães,  
bebem aos tostães,  
na venda, senhora!

As freiras e frades  
repicam os sinos  
e bebem dos finos  
na venda, senhora! (II,1211)

– *um bêbado em autocrítica:*

Forte bêbeda apanhei  
este domingo passado;  
daram-me as bruxas comigo,  
achei-me em caixa deitado.  
Vocemecê, ó senhor vinho,  
não l' admito chalaça.  
Nem se meta com quem passa.  
Quando eu passar sozinho,  
nem no tombo no caminho,  
porque enão no incomodei. (II,1058)

– *um caloteiro habilidoso de língua:*

Senhor José, não me paga?  
Que vergonha é a sua?  
Desde que ferrou o cão,  
Não passou mais nesta rua.(...)  
- Trabalhe, seu mandrião,  
Caloteiro de má raça:  
Eu, quando compro a fazenda  
Tenho de largar a massa.  
Quer você, à minha custa,  
Encher a pança de graça?  
Não tem vergonha de ouvir  
O que dizem quando passa?  
Trabalhe, seu calaceiro,  
Se quer ter algum valor:  
Os calos são os anéis  
Do homem trabalhador.  
- Eu calos na mão não quero,  
É canalha que arrenego;  
Dispenso esses anéis  
Que não dão nada no prego. (II,1063)

– *a rapariga que se deixou seduzir...*

A rolinha andou, andou,



# GRANDE CANCIONEIRO DO ALTO DOURO

---

*caiu no laço logo lá ficou...  
Se ela caiu, deixá-la cair,  
ela mais do laço não há-de sair!*

*A rolinha se queixou  
que lhe roubaram no ninho...  
Não no fizeras, ó rola,  
tão à beira do caminho! (I,157)*

*O balão da nossa ama,  
oh do pum! bira bira! bum!  
é como a roda dum carro!*

*Quando vai para a cozinha.  
oh do pum! bira bira! bum!  
faz abanar o sobrado!... (II,1174)*

– *A beata:*

*Ó biata, ó biata,  
eu hei-de ir ao teu altare,  
uma noute, uma noute,  
de joelhos a rezare.*

*Ó biata, ó biata,  
ó biata, ó biatinha,  
dá-me um beijo....*

*Ó biata, ó biata,  
arraçaça o teu bestido;  
arraçaça, arraçaça  
as calças ó teu marido! (I,74)*

– *um velha muito gaiteira:*

*Uma velha muito velha,  
Mais velha que a saragoça;  
Na hora do casamento  
A velha fez-se moça. (Avulsas)*

– *... e um velho de bengala, idem, aspas, aspas:*

*(...) e de repente passa a morenita,  
sainha bem curta e bela pernita.  
Pega na bengala e vai atrás dela:  
- Pst! Olá menina! Pst! Olá donzela!  
- Que é que você quer, ó seu atervido?  
sou mulher casada, já tenho marido!  
Volto pra trás, triste e aborrecido:  
Olha a moreninha, que já tem marido!... (II,1056)*

*Se eu casar contigo, velho,  
Há-de ser com tal contrato:  
Eu dormir na cama alta,  
E tu no solho com o gato. (Avulsas)*

– *ameaça de barrela ao patrão forreta:*

*Se o patrão num paga o binho  
fazemos-lhe uma barrela:  
ai, laripum,  
laripum, cautela,  
O ele paga o binho  
ó fica sem ela! (I,528)*

– *os galos querem galar:*

*- Ó senhora Ana, repre'nda o seu galo,*





*que a minha galinha anda a namorá-lo.  
- Anda a namorá-lo? isso que é que tem?  
se ele ferra o bico, faz el' muito bem!  
OU: A sua galinha que tenha juízo,  
O galo procura o que lhe é preciso! (1,424)*

## 2.12 Referências aos divertimentos

O Povo aproveita qualquer pausa do seu trabalho, preocupações diárias e carências, para se divertir e expandir o poderoso instinto social.

Põe de lado, mesmo, a tradicional timidez para com os grandes ditames (e tabus) religiosos e, na lama da sua própria humanidade, faz nascer um sorriso, um poema, uma música: tudo tão natural e são como quando planta vinhas e flores, ou como dá vida a um bebé.

As eiras, os serões, as desfolhadas, as vindimas, o sulfato, o enxofre – e, até a duríssima cava antiga – geram uma vontade enorme de cantar e e de conviver.

Mas os grandes palcos da expansão poético-musical popular eram ‘montados’ nos inúmeros dias santos que a Igreja proporcionava (e proporciona) ao longo do ano: Natal, Carnaval, Páscoa, Ascensão, Assunção, Conceição... e, em chave de ouro, os Santos Populares:

*Quatro festas tem o ano,  
Oh que lindas que elas são!  
É o Natal e a Páscoa,  
O Corpus e a Ascensão.*

*A treze do mês de Junho  
Santo António se demove,  
São João a vinte e quatro  
E São Pedro a vinte e nove. (Avalusas)*

Em grande harmonia, nessas ocasiões o divino e o humano emparceiravam e percorriam, de mãos dadas, as ruas e os largos de qualquer aglomerado humano. Com uma cantiga nos lábios e muita esperança nos corações.

As festas populares eram todas, e sempre, de apelo, memória e louvor da Esperança: na saúde, nas culturas, na criação de animais, no amor, no sucesso, na vida militar... e, no fim de todas as lutas e privações, na ida para o Céu.

Mas, além das presentes nas festividades, existem muitas outras referências ao sobrenatural no nosso Cancioneiro, muitas delas já oriundas de tempos largos e fundos da história da Humanidade e depois adoptadas, adaptadas e cristalizadas no Cristianismo. Podemos, mesmo, resumidamente, estabelecer uma relação diacrónica com as que nos é dado ainda conhecer através da memória de muitos séculos, parcialmente transcrita nos cancioneiros e outras documentações:

– Remontam à plena Idade Média, pelo menos ao tempo de Carlos Magno e os seus Doze Pares. Além de vestígios como as “cavalhadas” – folguedo que evoca os torneios medievais e as batalhas entre cristãos e mouros – esses tempos estão referenciados em vários rimances (ver no capítulo próprio).



– permanecem em toda a civilização ocidental, despontada com a queda do império romano e baseada no Cristianismo.

– além disso, muitas crenças populares circularam clandestinamente durante séculos e ainda circulam marginalmente: magias, encantamentos, bruxaria...

Os rimances ainda conservam relatos muito significativos de situações herdadas da imaginação medieval, cheios de magia e encantamentos, no misterioso romantismo da noite, que tanto doiravam a imaginação da juventude antiga: por ex., o que se passa na densa floresta com este caçador:

*O caçador foi à caça, à caça como soía;  
Os cães já levava cansados, o falcão perdido havia.  
Andando, se lhe fez de noite por uma mata sombria.  
Arrimou-se a uma azinheira, a mais alta que lá havia  
Foi a levantar os olhos, viu coisa de maravilha:  
No mais alto da ramada uma donzela tão linda!  
Dos cabelos da cabeça a mesma árvore vestia;  
Da luz dos olhos tão vivos todo o bosque se alumia!  
Ali falou a donzela, já vereis o que dizia:  
– Não te assustes, cavaleiro, não temas tamanha frima,  
Sou filha de um rei coroado, de uma bendita rainha;  
Sete fadas me fadaram nos braços de mia madrinha,  
Que estivesse aqui sete anos, sete anos e mais um dia;  
Hoje se acabam nos anos amanhã se conta o dia;  
Leva-me, por Deus to peço, leva em tua companhia.  
– Espera-me aqui, donzela, té amanhã, que é o dia;  
Quie eu vou a tomar conselho com minha tia.  
responde agora a donzela (que bem que lhe respondia!)  
– Oh! mal haja o cavaleiro, que não teve cortesia:  
Deixa a menina no souto sem lhe fazer companhia!  
Ela ficou no seu ramo ele foi-se a ter co'a tia...  
Já voltava o cavaleiro, apenas que rompe o dia,  
Corre por toda essa mata, a enzinha não descobria;  
Vai correndo e vai chamando, donzela não respondia;  
Deitou os olhos ao longe, viu tanta cavalaria,  
De senhores e fidalgos muito grande tropelia...  
Levavam na linda Infanta, que era já contado o dia.  
O triste do cavaleiro por morto no chão caía;  
Mas já tomava os sentidos e a mão à espada metia:  
– Oh! quem perdeu o que eu perco, grande penar merecia!  
Justiça faço a mim mesmo e aqui acabo co' a vida! (II,980)*

Segundo a *Wikipédia*, superstição é uma crença irracional sobre a relação causal entre certas ações ou comportamentos e ocorrências posteriores, como a crença de que quebrar um espelho causa sete anos de azar.

O Abade de Baçal encontra particularidades existentes em terras bragançanas mas similitudes com as credences e superstições descritas por Apuleio no Burro de Ouro e por Cícero, Virgílio, Horácio, Ovídio e outros (ver nos capítulos finais).

– Acresce, ainda a simbologia, em que factos, seres e objectos aparentemente neutros, afinal contêm uma ‘virtude’ muito mais ampla (ver Simbologia, c. III).

*'Stando a dona Felismina no jardim a passear,  
viu passar um soldadinho e tratou de o namorar:  
- Soldadinho, agora, agora, era boa ocasião,  
meu marido não está cá, foi prá Serra do Marão.  
- Se quiseres que ele não volte, roga-lhe uma maldição.  
- O corvos, tirai-lhe os olhos e a raiz do coração. (II,1956)*



As fogueiras (juninas e joaninas) de S. João são de origem europeia e fazem parte da antiga tradição pagã de celebrar o solstício de Verão. A árvore fálica pagã "sempre verde" foi cristianizada em Árvore do Natal e a Fogueira do dia do "Midsummer" (24 de Junho) tornou-se, pouco a pouco na Idade Média, um atributo da festa de São João Baptista, o Santo celebrado nesse mesmo dia.

Mas convém notar que a 'árvore verde' também aparece dedicada a S. José:

a) Numa cantiga de Natal:

*Ó José, pinheiro verde  
Guarda a sombra para o Verão,  
Todas as sombras se secam  
Só a tua, José, não!* (II,845)

b) e noutra, intitulada **Pau Verde**:

*O pau verde é o pau verde,  
o pau verde quem mo dera!  
Quem me dera uma menina  
criada na minha terra!...*

*Criada na minha terra,  
criada no meu jardim...  
anda cá, ó rosa branca,  
tu há-des ser para mim!...*

*Criada na minha terra,  
criada em Vilarinho  
Quem me dera uma menina  
mesmo daqui bem pertinho!...* (II,1193)

Ainda hoje, a fogueira de São João é o traço comum que une todas as festas de São João europeias (da Estónia a Portugal, da Finlândia à França).

Uma lenda católica defende que o antigo costume de acender fogueiras no começo do verão europeu tinha suas raízes na combinação feita pelas primas Maria e Isabel: para avisar Maria sobre o nascimento de São João Baptista e assim pedir o seu auxílio no parto, Isabel acenderia uma fogueira no alto do monte, entre as duas aldeias.

Em muitas localidades de Barroso e do Nordeste Transmontano, faz-se uma fogueira na quadra de Natal que dura quatro dias ou mais.

Nas noites de São João e São Pedro queima-se marroloho, rosmaninho, uma erva que se cria na primavera no secadal dos lameiros e dança-se à roda das fogueiras, cantando loas aos ditos santos.

O uso de balões é da mesma origem tem o mesmo espírito e, juntamente com os fogos de artifício durante o São João, está relacionado com o tradicional uso da fogueira junina e seus efeitos visuais.

Os fogos de artifício, segundo a tradição popular, servem para despertar e saudar o nascimento de São João Baptista.

Os balões serviam para avisar que a festa iria começar; eram soltos para marcar o início da festança; as crianças também participavam, soltando bombinhas, como hoje, no Carnaval.

Outras marcas visuais e espetaculares destas festividades são:

O mastro (também de origem fálica pagã) de São João ou dos Santos Populares, geralmente enfeitado com bandeirinhas, que tem a sua origem no costume pagão de



levantar o "mastro de Maio", ou a "árvore de Maio", como ainda hoje é costume vigente em algumas partes da Europa.

*Oh, que linda espedida  
Deu a cereja ô ramo!  
Ai, ai, ai, fica-te agora pau verde,  
Ai, ai, ai, adeus inté outro ano! (1,278)*

Remotamente, este mastro, ou 'pau verde', sempre verde, era um evidéntíssimo símbolo fálico, em várias crenças e religiões; no seu levantamento estava implícito o pedido de protecção divina para a procriação humana e para a boa qualidade dos machos. E, afinal, ainda hoje a veterinária vela exactamente por esse fenómeno, em relação ao desenvolvimento científico dos cobridores: varrões, garanhões, etc.:

Se atendermos ao ciclo anual, entre Junho e a Primavera medeiam os nove meses (ou dez luas). Todo o ciclo vital (humano, animal, vegetal) beneficia quando o nascimento coincide com a Primavera. Ainda hoje se verifica esta prática.

Em Portugal há arraiais com foguetes e balões, assam-se sardinhas e oferecem-se manjericos, as marchas populares desfilam pelas ruas e avenidas, dão-se com martelinhos de plástico e alho porro nas cabeças das pessoas... o que apimenta as coisas, quando os rapazes se querem meter com as raparigas solteiras... E vice-versa.

Devido a essas conotações ancestrais, semi-pagãs, o relacionamento entre os devotos e os santos juninos, principalmente Santo António, o São João e o S. Pedro, é de nível muito familiar: cheio de intimidades, chega a ser, por vezes, irreverente, debochado e quase obsceno. Esse carácter fica bastante evidente quando se entra em contacto com promessas (e as chamadas 'simpatias') feitas a esses santos, que vão desde a protecção de pessoas e animais até curiosas e esquisitas bruxarias, feitas por solteiras, casadas, viúvas e divorciadas!

Os objectos utilizados nas promessas, 'simpatias' e adivinhações devem ser virgens, usados pela primeira vez, senão... a simpatia não vai funcionar!

*Quem quiser curar feitiços  
Tome chá de erva cidreira,  
Colhida por uma donzela  
Na noite sanjoaneira. (Avulsas)*

Algumas 'simpatias' feitas a Santo António:

Uma moça solteira, desejosa de casar, coloca uma imagem do santo de cabeça para baixo atrás da porta, debaixo da cama ou dentro de um poço, ou enterram-no até o pescoço. Enquanto o pedido não for atendido, a imagem não é virada de cabeça para cima!

Esta fé consuetudinária no poder casamenteiro do Santo está na base da simpática tradição lisboeta de organizar a cerimónia dos casamentos em grupo do dia de Santo António: chegam a casar-se 200-300 casais!

Algumas brincadeiras aos Santos Populares revelam uma familiaridade simpática:

*Lá vai Santo António,  
Depois São João,  
Depois o São Pedro  
Para a reinação!*

---



São João e mais S. Pedro  
ai, foram ambos à faneca:  
O S. Pedro comeu mais uma  
ai, S. João foi-lhe à careca!

Confessei-me a Santo António,  
Confessei que estava amando.  
Ele deu-me em penitência  
Que fosse continuando. (Avulsas)

Obs. – *Para cantigas religiosas, ver, no âmbito das crenças: II,1112-1116*

Existem muitas referências às tradições das Festas Populares:

– *a roda:*

Anda a roda, anda a roda,  
anda a roda ao redor:  
quanto mais a roda anda,  
mais eu quero ao meu amor. (I,89)

– *a chula velha:*

– Ó chula, ó belha chula,  
bem cantada, fica bem.  
anda cá, ó cantadeira,  
cantar comigo, também.

– Canta bem, ó cantadore,  
esta chula d'incantare.  
Chamastes-me cantadeira,  
aqui stou pra te ajudare.

– Canta bem, ó cantadeira,  
mantém gosto no cantare.  
O cantar é uma prenda,  
que Jasus nos quis deixare.

– Esta chula é tão linda,  
é tão linda e tão antiga:  
já a dançou minha abó,  
q'ando era rapariga. (I,148)

– *as romarias:*

Nos braços do meu amor,  
Na romaria dancei...  
Nas voltas de uma rodinha,  
Meu coração lhe entreguei. (I,207)

Eu venho da romaria  
Da Senhora da Alcachopa,  
Agora venho santinho,  
Dá-me um beijo, ó cachopa! (Avulsas)

Ó Ciranda, ó Cirandinha,  
vamos nós a cirandar:  
na ramada das videiras  
anda a ciranda no ar.

Anda a ciranda no ar,  
anda a ciranda no chão:  
ó Ciranda, ó Cirandinha,  
amor do meu coração.



## GRANDE CANCIONEIRO DO ALTO DOURO

---

*Amor do meu coração,  
não há palavra mais doce;  
quer tu me queiras, quer não,  
gosto de ti, acabou-se!* (l.152)

*Anda cá, ó cirandinha,  
bamos ambos cirandare,  
bamos dar a meia volta,  
meia bolta e troca o pare.* (l.153)

*Nos braços do meu amor, ai,  
Na romaria dancei...  
Nas voltas de uma rodinha, ai,  
Meu coração lhe entreguei.* (l.207)

*Ó Manel, ó Manel, ó Manel,  
ó Manel, olha a Maria,  
olha as voltas que foi dar  
para ir à romaria!*

*Para ir à romaria,  
para ir ao carrocel;  
ó Manel olha a Maria,  
ó Maria olha o Manel!* (l.381)

*Ai, ó meu rico São João,  
ai ó meu santo marinheiro.  
ai, levai-me na vossa barca  
ai, lá p'ro Rio de Janeiro.*

*Ai, São João adormeceu  
ai, no cimo duma ramada,  
ai, só qu'ria guardar as uvas  
ai, para as dar à sua amada.*

*Ai, São João para ver as moças  
ai, fez uma fonte de vidro.  
ai, as moças já lá não vão,  
ai, São João vê-se perdido.*

*Ai São João adormeceu  
ai, em cima duma figueira,  
ai, p'ra guardar os figos lampos  
ai, e dá-los a uma solteira.* (ll.1200)

*De manhã, de manhãzinha,  
toca a Ave Maria,  
vamos trabalhar.  
à noite, no fim da ceia,  
à luz da candeia,  
toca a bailar.* (ll.1205)

*Ó Senhora da Saúde,  
O bosso mosteiro cai,  
Mandai-o erguer, Senhora,  
Pela gente que lá bai..*

*Ó Senhora da Saúde,  
Mandai barrer as areias...  
Já lá rompi os sapatos,  
Não quewro romper as meias.* (l.235)



*Ai, ó meu Santantoninho!  
Tu que andas a tramar?  
Ficas com todas pra ti  
Não tens uma pra me dar?*

*Ai eu sou doído por uma  
Mas quero a outra também...  
Se o Santinho não me vale  
Vou é ficar sem ninguém!*

*Mas que lindo manjerico  
Vai naquele orelhinha!  
Menina, se eu fosse rico,  
Pedia-lhe já pra ser minha!*

*Eu tenho um amor eterno  
por uma laranja doce  
iria até ao inferno  
por um mimo... fosse qual fosse!*

*Há palavras como beijos  
E outras como punhais...  
Mas quem sofre de desejos  
Palavras, não as quer mais!*

*Não há rima mais bonita  
Pra rimar com laranjinha  
Do que esta rima bendita:  
Diz-me quando vais ser minha! (Avulsas)*

*Na noite de S. João  
Incendiei-me de vez  
Fui brasa, fogo e carvão  
E acabei sem os três...*

*Só conhecia um escasso  
Rol de pecados mortais...  
No fogo do teu regaço  
Já aprendi muitos mais!*

*Quando as saias arregaça  
Para dançar livremente  
Tem tal elegância e graça  
Que desgraça toda a gente!*

*Na noite de S. João,  
Sei que à fogueira não faltas  
Hei-de deitar-me no chão  
E espreitar-te, quando saltas.*

*A saia de uma mulher  
Tanto sobe que eu pressinto  
Que qualquer dia ela quer  
Usar apenas um cinto! (Avulsas)*

*Nossa Senhora da Serra  
ó cima! ó cima!  
tanto me custa lá ir!  
Quem lá tem os seus amores  
ó cima! ó cima!*



*o remédio é lá ir.*

*Nossa Senhora da Serra  
ó cima! ó cima!  
eu pró ano lá hei-de ir  
Ó casada ó solteira,  
ó cima! ó cima!  
ou criada de servir. (1,537)*

*Observação final:*

Nos outros dois volumes desta obra recolhem-se outras muitas e belas quadras, de que se destaca a temática do *amor*, da *vinha* e do *vinho* e, ainda, as letras populares das *Chulas* e dos *Fados*.